



Julho - Agosto de 2006

Ministério

Uma revista internacional para pastores e obreiros



DIGA AO MUNDO

O desafio de Deus para Sua igreja nos dias de hoje

Liderança Pastoral

O certo e o errado na administração de conflitos

Recado aos Pregadores

Benefícios que os ouvintes esperam do sermão

Casa Publicadora Brasileira

- BIBLIOTECA -

TATUI





Nikolaus Satelmajer

Editor de Ministry

A OUTRA FACE DOS NÚMEROS

A voz de meu pai libertou-me de um pesadelo. E que pesadelo! Para onde quer que eu me voltasse, via números. Acima de mim, à minha direita e à esquerda; na frente e atrás. Números! Números! Números! Toda tentativa de fugir era inútil. Eu estava numa armadilha.

Mas a voz de meu pai anunciava que era hora de acordar. Naquele tempo eu costumava acordar tarde; não era o primeiro a pular da cama. Contudo, naquela manhã, especialmente, saudei com alegria sua ordem para levantar, livrando-me do pesadelo.

Aquele pesadelo era compreensível. Alguns meses antes, eu tinha começado a trabalhar como contador de uma grande empresa em Nova Iorque. Como o membro mais novo da equipe, minha responsabilidade era registrar os lançamentos no livro-caixa principal. Na verdade, eram dois grandes livros, e meu trabalho era transferir para eles números de vários relatórios. Essa tarefa ocupava pelo menos uma semana, o que significa que durante esse período eu só via números. Naquela noite específica, os números se tornaram meus inimigos. Na verdade, meu pai disse que, antes de me chamar, ele me ouviu mencionando números em voz alta.

Pastores trabalham com pessoas, mas também não podem evitar números. Quantos membros tem sua igreja? Quantos vão aos cultos? Quantos novos membros foram agregados? Sua igreja tem orçamento? Qual é seu alvo de batismos? Números, números e mais números. Eles estão sempre nos rodeando e não querem se afastar.

Porém, são eles inimigos? Certamente, os números de que gostamos não são. Se o salário aumenta mais que o esperado, gostamos do número maior.

Jesus gostava de números. Em Lucas 15:3-6, Ele nos ensina que 99 e 1 são números significativos; mas, estranho como possa parecer, entre os dois, o número 1 é ainda mais significativo. Aliás, Cristo tinha uma

afinidade especial pelo número 1, quer se tratasse de uma moeda aparentemente insignificante (Mar. 12:42) ou de uma criancinha (Mat. 18:2). Em Mateus 16:21, Ele nos lembra que 3 é um número importante, pois, no terceiro dia, Ele ressuscitaria.

Os números não deveriam nos assustar, desde que eles, isoladamente, não são o centro da questão. Se correremos atrás dos números pelos números, jamais experimentaremos a alegria do pastorado. Por outro lado, se compreendermos que os números podem ser símbolos daquilo que realmente importa – os filhos de Deus – eles se tornarão nossos amigos. O foco deve ser sempre as pessoas.

Eu tinha aproximadamente 13 anos, quando pela primeira vez recebi estudos de uma instrutora bíblica. Semana após semana, Gertrude Battle, uma idosa senhora estudava a Palavra de Deus comigo. Pouco antes daqueles estudos, nossa família tinha chegado da Alemanha para os Estados Unidos, e eu tinha uma compreensão limitada do inglês. Às vezes eu achava difícil entendê-la, mas posso dizer que ela era perseve-

rante em seu interesse por mim.

A irmã Gertrude sempre queria saber sobre minha escola, família, e se eu gostava do meu novo país. Embora eu ainda não fosse batizado, ela não agia como se estivesse desperdiçando seu tempo comigo.

Quantas pessoas você batizou até hoje? Muitas, você dirá. Isso é maravilhoso, desde que elas saibam que você tem interesse pessoal na vida delas. Quanto tempo você emprega estudando a Bíblia? Uma, duas, três ou mais horas, você dirá. Mas o que a Palavra tem feito por você? Como administrador, quantos pastores você recebeu em seu Campo nos últimos dois anos? Cinco, seis, ou mais, você dirá. São eles, hoje, tão importantes para você como quando os chamou?

Números são parte da nossa vida, mas eles não devem governá-la. Devem ser o que são – símbolos de quão importantes nós somos para Deus e quão importantes outras pessoas são para nós.

“O importante não é o alvo numérico em si, mas o que ele representa”



William de Moraes

COMO DIZER AO MUNDO

No capítulo 21 do seu evangelho, João relata um memorável encontro de Jesus com alguns discípulos, após a ressurreição. O grupo reunido na praia do mar de Tiberíades era especial: “Estavam juntos Simão Pedro, Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná da Galiléia, os filhos de Zebedeu e mais dois dos Seus discípulos” (João 21:1 e 2). Não que fosse um grupo acima da média, perfeito, com passado impoluto, mas justamente porque era composto de homens como nós.

Observe Pedro, Tomé e Natanael, ainda perplexos, lutando com lembranças que precisavam, deviam e queriam remover da mente, ruminando os próprios fracassos, até que Pedro teve a idéia de ir pescar. E os demais o acompanharam. Era uma bela noite; porém, acabou sendo frustrante para aqueles homens. Pescaram a noite inteira, mas não conseguiram pescar nenhum peixe. Porém, como toda noite de frustração e derrota, aquela noite também passou. E, junto com o primeiro frescor da brisa matinal e os primeiros raios da alvorada, o “Sol da justiça” também lançava Seu brilho na praia, anunciando-lhes um novo dia.

Primeiramente reconhecido por João e, depois, por Pedro, Cristo revelou a estratégia que reverteu o fracasso da pescaria em sucesso fenomenal (vs. 6-11), providenciou alimento e, finalmente, em meio a um jejum, a normalidade foi restabelecida e as dúvidas foram dissipadas.

As lições missionárias desse relato são claras. Em primeiro lugar, destaca-se a necessidade imperiosa de

seguirmos a estratégia de Cristo, em nossa “pescaria” de homens e mulheres para o reino de Deus. Não podemos depender dos nossos métodos. Aqueles discípulos eram especialistas na arte da pesca. Entretanto, foram obrigados a confessar que nada apanharam durante uma noite inteira. Somente quando seguiram o método de Cristo, os resultados surgiram. “E Jesus tinha um desígnio em ordenar-lhes que deitassem a rede do lado direito do barco. Daquele lado estava Ele, na praia. Era o lado da fé. Se trabalhassem em ligação com Jesus – combinando-se Seu divino poder com o esforço humano deles – não deixariam de ter êxito.” – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 811.

Em segundo lugar, do tríplice comissionamento de Jesus a Pedro, diante da igualmente tríplice confissão de amor desse apóstolo a seu Mestre (vs. 15-17), aprendemos que o envolvimento missionário é fruto de um relacionamento de amor. Do amor a Deus, sinceramente sentido, reafirmado e publicamente confessado, brota nosso amor pelos perdidos; maior vibração pela missão. Uma vez que sejamos envolvidos por esse amor, não haverá ovelha extraviada a que não queiramos buscar, abrigar, alimentar e apascentar no redil do bom Pastor.

Em suma, dependência de Cristo e a motivação do Seu amor configuram a estratégia que garante o êxito do projeto “Diga ao mundo”.

Zinaldo A. Santos

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Ano 77 – Número 04 – Julho/Agosto 2006
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos
Assistente de Redação: Lenice F. Santos
Revisoras: Josiéli Nóbrega e Rosemara Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza
Projeto Gráfico: Alexandre G. Streicher; Marcos S. Santos
Programador Visual: Cleber R. Marchini
Capa: Montagem de Cleber R. Marchini sobre fotos de William Moraes, Erlo Köhler e Photodisc e ilustração de Carlos Serbelli

Colaboradores Especiais:
Alejandro Bullón; Ranien B. Sales;
James Cress; Nikolaus Satelmajer

Colaboradores:
Acílio Alves Filho; Barito Lazo;
Cícero F. Gama; Francisco C. Bussons;
Guillermo Rojas; Ivanaudo B. Oliveira;
José Carlos Sánchez; Graciliano M. Filho;
Moisés Rivero; Roberto Gullón;
Valdinho Quadrado

Diretor Geral: José Carlos de Lima
Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site:
www.cpb.com.br
Serviço de Atendimento Direto: sac@cpb.com.br

Redação: ministerio@cpb.com.br
Ministério na Internet:
www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaelministerio

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Tiragem: 5.500 exemplares
5953/15786

Assinatura: R\$ 44,00
Exemplar avulso: R\$ 9,20
Norte: Assinatura: R\$ 49,80
Exemplar: R\$ 10,38



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatui, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

12 CARGAS COMPARTILHADAS

Princípios bíblicos que ajudam a avaliar as tensões da vida.

15 LUGAR DE PAZ

Há um refúgio seguro para as pressões e aflições que nos rodeiam.

17 “DIGA AO MUNDO”

Descrição do projeto evangelístico da igreja para o atual quinquênio.

21 COMO ADMINISTRAR CONFLITOS

O que funciona e o que não funciona diante das crises.

23 PASSO A PASSO COM DANIEL

Estudo objetivo de um dos mais celebrados livros da Bíblia.

26 RECADO AOS PREGADORES

Saiba o que os ouvintes esperam receber do pregador no sermão.

28 A DIDÁTICA DA UNÇÃO

Análise exegética de Tiago 5:13-18.

ERRAMOS

No artigo “Os adventistas e a política”, de autoria do Dr. Alberto R. Timm, na edição anterior, houve um equívoco pelo qual pedimos desculpas aos leitores. No início do segundo parágrafo, sob o intertítulo “Candidatos adventistas”, à página 13, ao contrário do que ali aparece, a afirmação correta é a seguinte: “A postura de José e Daniel nas cortes pagãs do Egito e de Babilônia, respectivamente, corrobora o fato de que não é impossível ser cristão sob governos não comprometidos com a religião bíblica.”

Seções

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

10 PONTO DE VISTA

31 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

“Pelo fato de que a unidade e a missão são fundamentais para o que somos e fazemos, nenhuma estrutura organizacional no governo ou indústria pode nos servir de modelo. Eles têm valores baseados na política e impulsionados pelo lucro – algumas vezes pelo egoísmo e ganância excessivos. A Igreja, em contraste, existe para servir.”

Jan Paulsen

PREGUE A PALAVRA

“O pregador não foi chamado por Deus para entreter as pessoas nem para ser humorista”



por Derek J. Morris e Zinaldo A. Santos

Em seu livro *Pregação no Espírito*, Dennis F. Kinlaw conta que, em uma das igrejas que pastoreou, certa senhora mantinha o hábito de vigiá-lo quase ininterruptamente. Às vezes, ela chegava em sua casa antes das sete da manhã, simplesmente para ver se o pastor estava começando o dia como devia. Contudo, precavida contra alguma reação desfavorável, tinha o cuidado de levar uma cesta de frutas para o anfitrião. Como se isso não bastasse, após a apresentação dos seus sermões, Kinlaw ainda precisava reunir grande dose de paciência para ouvir observações sobre emprego da gramática, gesticulação e outros detalhes.

Certo dia, enquanto conversavam sobre outro pregador, aquela senhora fez o seguinte comentário: “A pregação dele parece ervilhas secas caindo sobre um telhado de zinco.” Embora estivesse certo de que não lhe era endereçada, Kinlaw diz ter ouvido a crítica como incentivo à busca pela excelência na pregação. Na realidade, todo pregador deve ter em mente o fato de que, “no púlpito, ele deverá fazer muito do seu melhor trabalho para o tempo e para a eternidade”, segundo as palavras de Andrew Blackwood. Infeliz é o pregador cuja mensagem soa tão desprovida de sen-

tido como o barulho de “ervilhas secas caindo sobre um telhado de zinco”.

Sendo porta-voz de Deus, o pregador é um mensageiro de esperança, arauto de salvação; não propagandista de condenação. É seu divino encargo levar a alegria do Senhor aos abatidos e desenganados; guiar homens e mulheres cansados ou rebeldes, exultantes ou deprimidos, ardorosos ou indiferentes para o “esconderijo do Altíssimo”. “Quando um homem toma a espada da Palavra de Deus em sua mão e, empunhando-a, limpa o caminho para Seu povo, então esta Palavra deve brilhar com um novo brilho. Somente um sermão baseado na Palavra de Deus pode ser poderoso a ponto de derrubar fortalezas”, diz Roy Allan Anderson. Noutras palavras, se o pregador espera que sua mensagem tire pecadores da lama do pecado e os conduza à presença de Deus, fortaleça a fé e a segurança da salvação entre seus ouvintes, precisa fundamentá-la na Palavra.

Entre os muitos pregadores empenhados em manter esse elevado padrão, está o Pastor Charles D. Brooks, diretor e orador emérito do programa de televisão *Breath of Life* [Fôlego de vida], e secretário de campo, jubilado, da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. Ao

longo de mais de meio século de atividades, o Pastor Brooks levou milhares de pessoas à aceitação de Cristo como Salvador. Nesta entrevista, concedida a Derek J. Morris, pastor da igreja do Colégio Forest Lake, na Flórida, Estados Unidos, ele partilha valiosos conceitos sobre pregação evangélica.

Ministério: *Durante mais de cinqüenta anos, o senhor tem pregado a Palavra de Deus com santa ousadia. Não há dúvida de que o senhor cumpre o mandato de Paulo a Timóteo, no sentido de fazer o trabalho de um evangelista. Através do seu ministério, Deus tem tocado milhares de vidas. Quando foi que sentiu, pela primeira vez, o chamado para se tornar pregador?*

Charles Brooks: Na verdade, inicialmente, eu não tinha intenção de me tornar um pregador. Inclusive, até já estava matriculado em uma faculdade de Odontologia, quando o Senhor falou comigo, duas semanas antes do início das aulas. Eu estava assistindo a uma palestra do Pastor Earl Cleveland, no auditório móvel, quando o Senhor impressionou minha mente de modo realmente forte, marcante, inesquecível. Senti como se Ele estivesse me dizendo: “Isto é o que desejo que você faça, e Eu o ajudarei a tornar clara a

verdade.” Voltei para casa e conversei com minha mãe a respeito dessa experiência. Então, ela me disse: “Filho, quando você nasceu, eu o entreguei a Deus. Creio que agora Ele está chamando você.” Eu atendi o chamado e nunca pensei em retroceder.

Ministério: *A grande maioria das pessoas que ouvem seus sermões tem a impressão de que jamais ouviu alguém pregar com tanta ousadia e coragem. É como se elas estivessem ouvindo alguém com fogo nos ossos. Para o senhor, o evangelismo é um dom especialmente concedido a alguns pregadores, ou todo pregador pode ser evangelista?*

Charles Brooks: Acredito que existe o dom especial de evangelista. A Bíblia fala disso. Contudo, também creio que todo indivíduo que é chamado para pregar recebe esse chamado para pregar exclusivamente a Palavra de Deus, ou seja, o evangelho. Isso é evangelizar.

Nossa responsabilidade é dar aos ouvintes a oportunidade para responderem ao chamado divino. Se ninguém responder, não se sinta culpado. Não tenha medo de fazer apelos

Ministério: Em muitos círculos ministeriais, especialmente entre pastores jovens, parece haver a tendência de almentar certo ceticismo em relação à pregação evangelística. A alguns deles têm sido sugerido que já se foi o tempo do evangelismo público. E, infelizmente, esses acabam sendo convencidos de que as pessoas não irão a uma reunião de evangelismo público para ouvir algum pregador. Como o senhor responderia a esse questionamento?

Charles Brooks: Não tenho a menor hesitação em dizer que tal idéia não procede de Deus. Os melhores dias para o evangelismo ainda estão à nossa frente. Ainda estamos para ver o milagre de milhares de pessoas sendo batizadas em um dia. E isso não está muito distante. Na verdade, podemos observar esse acontecimento agora. Eu estava conduzindo uma campanha curta de evangelismo em Chicago e aproximadamente quinze jovens pastores foram designados para trabalhar comigo. No início, alguns desses obreiros eram um pouco descrentes quanto ao evangelismo público. Porém, dedicaram-se ao trabalho, zelosamente, e, no fim das reuniões, mais de 200 pessoas tornaram pública sua aceitação de Cristo através do batismo. Aqueles jovens pregadores se tornaram verdadeiramente apaixonados pela pregação evangelística.

Ministério: *Uma característica de suas mensagens é que o senhor desafia seus ouvintes a pensar. Por exemplo, reveja esta declaração sua, feita em um sermão sobre salvação: “Nosso assunto esta noite trata de uma questão que é tão vital, que eu não sei, de fato, como impressionar vocês sobre a importância dela. Diante disso, amigos, vou pedir-lhes um favor. Quando entraram aqui, todos receberam um pedaço de papel em branco, no qual devem escrever as passagens bíblicas mencionadas na palestra e fazer todas as anotações que desejarem. Certamente, vocês ouvirão coisas que nunca ouviram antes. Eu acho que vocês devem checá-las depois, para ver se estou dizendo a verdade. Vocês sabem, uma das razões pelas quais há tanta confusão, hoje, no cristianismo, é que as pessoas entram num templo, acomodam-se, ouvem e absorvem tudo o que o pregador diz, sem examinar por si mesmas depois. Como vocês não me conhecem, examinem para ver se as coisas são de fato como eu digo. Se não forem, não acreditem em mim.” Essa é uma abordagem curiosa. O senhor a herdou de outros pregadores ou desenvolveu pessoalmente esse estilo?*

Charles Brooks: Para ser honesto, acho que não tenho empregado nem cinco minutos preocupando-me com estilo. Essa é simplesmente a maneira como minha mente é influenciada a trabalhar. Depois de pensar um pouco, cheguei à seguinte conclusão: Considerando que, às vezes, a verdade é chocante para muitos descrentes, temos de ser sábios e prudentes ao

apresentá-la. Frequentemente apresento uma proposição que demanda prova escriturística. Então, incentivo os ouvintes a examinar essa prova. O exame pessoal da Palavra é benéfico para eles. Eu creio firmemente que há poder na Palavra. Certa vez, uma senhora, em Columbus, Ohio, recebeu o convite para uma de nossas conferências e começou a lê-lo. Depois, chamou uma das filhas e disse: “Vamos ver o que este bobo está dizendo.” Elas foram às reuniões e, em determinado dia, enquanto eu pregava, percebi um grupo de pessoas se levantando. Apreensivo, pensei: “Meu Deus, será que eu disse alguma coisa que ofendeu esta gente?” Porém, ao contrário de saírem, aquelas pessoas deixaram seus assentos e se dirigiram à frente, manifestando a disposição de seguir os ensinamentos da Bíblia, conforme apresentados naquela noite. Nesse grupo estavam aquela senhora e seus filhos. Eu não tinha feito nenhum apelo. O poder da Palavra de Deus operou.

Ministério: *A pregação evangelística envolve chamar pessoas para que tomem decisões transformadoras de vida. Isso parece intimidar muitos pregadores, que se tornam retraídos no momento de fazer apelos, temendo uma provável resposta negativa dos ouvintes. Que conselho o Senhor daria a esses pregadores?*

Charles Brooks: Na realidade, alguns pregadores têm vindo falar comigo a esse respeito. Dizem que ficam tão nervosos no momento de apelar ao povo para tomar uma decisão que envolva mudança de vida, que se desmontam inteiramente. Eu aconselho o seguinte: Quando você se sente responsável pelo modo como as pessoas responderão, realmente você está assumindo uma responsabilidade que não é sua. Nossa responsabilidade, como pregadores, é dar aos ouvintes oportunidade para responderem ao chamado divino. O que acontece no coração deles é entre eles e Deus. Se você apela às pessoas para que elas aceitem a Cristo, e ninguém responde, não se sinta culpado de coisa alguma. Possivelmente, já estejam salvas. Se não estiverem, não estão rejeitando você, mas Cristo. Não tenha medo de fazer apelos.

Ministério: *Poderia dar exemplos de como o senhor faz apelos?*

Charles Brooks: Sim. O apelo é sempre destinado a levar o ouvinte a

tomar uma decisão com respeito à mensagem apresentada. Não deve ser repetitivo nem monótono; deve ser variável, tocante, emocionante, convidativo a uma mudança de rumo na vida. Durante o apelo, costume dizer algo como: "Jesus foi preparar lugar para você, na cidade celestial. E algum dia, muito em breve, Ele virá para levá-lo a esse lar. Os portais da cidade já estão se abrindo para você. E os santos já estão se preparando para marchar na direção dela. Amigo, sabe você quem são esses santos? São pecadores indignos que foram resgatados e purificados pelo sangue do Cordeiro. Essa experiência está franqueada a todas as pessoas, porque Cristo abriu o caminho. Eu desejo ser salvo. Quero ir para aquele lugar onde a árvore da vida floresce, onde há descanso para nossa fadiga. Em algum lugar, nos campos do Éden, o povo de Deus estará reunido. Eu quero encontrar você ali. Desejo cumprimentá-lo no reino de Deus. Mas, acima de tudo, Jesus deseja recebê-lo nesse lugar. Ele morreu para que você possa estar ali. Derramou Seu precioso sangue para que você possa ser salvo, lavado de seus pecados, e possa ter poder para viver inteiramente para Ele. Minha pergunta hoje é: Quantos de vocês desejam aceitar o que Jesus fez em seu favor? Quantos desejam estar salvos em Seu reino? Convido os que desejam isso a se porem de pé, a fim de que eu ore em seu favor." Às vezes, também digo o seguinte: "É tempo de decisão. Este é o momento para uma entrega completa. É tempo de deixar Cristo tomar nossos maus desejos, nosso caráter manchado, nossa má conduta, e fazer algo novo em nós. Se você deseja entregar a velha vida a Cristo, para que Ele a converta inteiramente; se deseja colocar-se ao pé da cruz neste momento, entregando-se completamente a Jesus, levante-se, em nome dEle. Quero orar por você." Devo acrescentar que a música tem um poder fantástico durante o apelo. Escolher um cântico apropriado, solene, apelativo, que fale ao coração, é indispensável.

Ministério: Esses exemplos lembram um apelo feito por Billy Graham, depois de ter pregado sobre conversão. Ele concluiu o sermão com estas palavras: "Quero lhe dizer que, quando você for a

Cristo, e eu não sei quando, onde, nem como isso acontecerá, você deve ir por arrependimento, e pela fé, confiando somente nEle, em Sua morte e ressurreição, para sua salvação. Se você ainda não foi a Cristo, ainda não O encontrou, convido-o para fazê-lo agora. Você pode até ser membro da igreja, cantar no coral, ou exercer alguma outra função. Pode até ser um instrutor da Bíblia, mas não está seguro de que realmente teve uma experiência pessoal com Jesus e ser convertido. Você precisa estar seguro disso. Convido-o a deixar seu lugar, vir aqui à frente e, com esse gesto, dizer: 'Recebo Jesus como meu real Salvador. Entrego minha vida a Ele.'"

Charles Brooks: Esse é um bom exemplo de apelo simples e objetivo. À medida que você ouve e prega sermões evangelísticos, aprende que existem muitas maneiras de fazer apelos. O objetivo é mais que simplesmente obter uma resposta emocional. Costumo dizer às pessoas: "Quero que vocês pensem. É melhor refletir que agir por impulso."

Leia tudo o que quiser. Encha sua mente. Mas, quando você pregar, seja simples, direto, claro e objetivo. Não tente impressionar os ouvintes com sua intelectualidade

Ministério: Ao fazer o apelo, o pregador deveria ir além de apenas recitar um palavreado "enlatado", escrito em um pedaço de papel. Suas palavras, entonação da voz e linguagem corporal devem comunicar um interesse, que saia do coração, pelos ouvintes. Certo?

Charles Brooks: Isso é muito impor-

tante. As pessoas percebem quando você está representando um papel. Lembro-me de uma ocasião em que realizei uma grande campanha evangelística e, pela primeira vez, necessitei de um intérprete. Foi no Egito. Certa noite, recebi um bilhete escrito em árabe e pedi que o intérprete o traduzisse para mim. O bilhete dizia o seguinte: "Caro pastor, nós o ouvimos, e também o vemos. E podemos ver em seus olhos que o senhor crê e vive o que diz." Nunca me esqueci disso. Eu não prego qualquer coisa na qual não creia. Não prego a respeito de nada sobre que não possa falar com convicção. As pessoas percebem. Elas sentem; sabem se você está ali apenas realizando uma atividade profissional. Porém, eu desejo que elas sintam que eu estou ali sob o controle do Espírito Santo; e que elas mesmas estejam sendo impressionadas por esse Espírito. Não é a mim que elas respondem. É a Ele.

Ministério: Que outro conselho, ou palavra de encorajamento, o senhor gostaria de dar aos pregadores que sentem o chamado de Deus para buscar os perdidos e levá-los a Cristo?

Charles Brooks: Há sempre o perigo de o pregador querer demonstrar alta erudição. Contudo, a Bíblia diz que Jesus falava às pessoas comuns e elas O ouviam prazerosamente. Leia tudo o que você quiser. Encha sua mente. Mas, quando você pregar, seja simples, direto, sincero, claro e objetivo. Os ouvintes absorverão melhor a mensagem e se sentirão mais à vontade com você. Não tente impressioná-los com sua intelectualidade. Apenas demonstre sincero interesse por eles; ame-os. Durante a pregação, o contato visual é extremamente importante. Gosto de olhar as pessoas, para ver de que maneira estão sendo afetadas. E lembre-se: você é simplesmente um mensageiro. Não projete nada do próprio "eu". O povo não deve ser atraído a você. Mais uma coisa: ao realizar o trabalho de pregação, você está fazendo o trabalho para o qual Deus o chamou. Ele não o chamou para entreter, nem para se comportar como humorista. Ele o chamou para pregar a Palavra. Assim, esteja seguro de que você conhece experimentalmente a Palavra. Nesse caso, ela nunca voltará vazia. ☛

O FIGURINO DA AUTO-ESTIMA

*“A maneira como nos vestimos revela
nosso senso de valor pessoal”*



Sônia Rigoli dos Santos

Diretora da Afam e
do Ministério da
Mulher na Associação
Sul-Paranaense

Atualmente, muito se fala em auto-estima, sentimento que traduz a opinião que cada pessoa tem de si mesma, a consciência do valor pessoal, do respeito e da confiança própria. A auto-estima influencia tudo o que fazemos. É resultado do que acreditamos ser, envolve respeito aos nossos limites e reconhecimento de nossos valores.

A mulher moderna, certamente, tem alcançado muitos dos seus objetivos: formação intelectual, inclusão no mercado profissional com possibilidade de ocupar funções destacadas, além de equiparação salarial com o homem. Tudo isso eleva sua auto-estima e significa que o tão sonhado reconhecimento e valorização por parte da sociedade vai se concretizando.

Porém, ninguém melhor que a mulher adventista deveria reconhecer o próprio valor. Ela sabe o quanto vale, e que não foi resgatada “mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, ... mas pelo precioso sangue... o sangue de Cristo (I Ped. 1:18). Diante disso, uma pergunta se impõe: Tem a mulher adventista valorizado a si mesma tanto quanto Cristo o fez, indo ao ponto de dar a vida por ela? Tem essa mulher cultivado a auto-estima cristã verdadeira e saudável?

EXEMPLOS

As Escrituras Sagradas apresentam algumas mulheres que demonstraram reconhecer seu valor, o que pode ser percebido através das atitudes que revelaram. Bom exemplo dessas mulheres é o da rainha Vasti. Além de ter cultivado auto-estima saudável, o que podemos saber sobre Vasti está contido nas inferências que podem ser feitas, ao lermos sua história no livro de Ester. Vasti devia ser bem jovem, quando se tornou rainha. Por certo, era também muito bonita; talvez a moça mais bela em toda a Pérsia.

Quando o rei ordenou que ela se apresentasse

diante dos nobres da corte e de ilustres convidados estrangeiros, ela simplesmente recusou-se a se expor àqueles bêbados. Preferiu enfrentar a ira do rei, a atrair olhares maliciosos e sentimentos impuros nos convidados. Em direção oposta, mas também conhecedora do efeito de sua beleza, suas vestes e atitudes, houve Salomé, a filha da vingativa e cruel Herodias. Ela usou sua beleza e sensualidade para seduzir o rei, levando-o a cometer o assassinato daquele que, segundo Jesus, foi o maior de todos os homens – João Batista.

PAPEL DO VESTUÁRIO

Deixar-se mostrar ou não, no caso dessas mulheres, foi uma questão de escolha pessoal. A auto-estima e o senso de valor próprio eram evidentes em cada uma delas. Possivelmente, você imagina que essa visão seja radical, uma vez que, hoje, a moda é a exposição do corpo. Entretanto, Aquele que criou homens e mulheres, com capacidade de seduzir e ser seduzidos, deu instruções específicas em todos os aspectos da vida, incluindo o modo de alguém se vestir:

“O amor ao vestuário põe em risco a moral e torna a mulher o oposto da senhora cristã, caracterizada pela modéstia e a sobriedade. A roupa aparatosa, extravagante, muitas vezes encoraja o sensualismo no coração do que a usa, e desperta as paixões inferiores no coração do observador.” – *Conselhos Sobre Saúde*, pág. 602.

Ao lado disso, o inimigo, que conhece o efeito exercido pela roupa sobre quem a usa e sobre quem a observa, “está inventando constantemente um novo estilo de vestuário que se provará uma maldição para a saúde física e moral; exulta quando vê professos cristãos aceitarem avidamente as modas por ele inventadas... [Deus] é desonrado por sua conformidade com as modas prejudiciais, imodestas e dispendiosas dessa era degenerada.” – *Ibidem*, págs. 599 e 598.

De acordo com Mark Finley, vice-presidente da Associação Geral dos Adventistas, “em meio à irrelevância moral e ao cristianismo contemporizador de nossa época, poucas pessoas estão conscientes de que precisam ser diferentes da maioria”. É aqui que entra a responsabilidade, das esposas de pastores; pois, “se quiserem, podem exercer uma influência para o bem em todos quantos as cercam. Pela modéstia no vestuário e a circunspeção na conduta, podem dar testemunho da verdade em sua simplicidade” – *Evangelismo*, pág. 467.

“Vi que a esposa do pastor deve ajudar o marido em seus labores, e ser exata e cuidadosa quanto à influência que exerce; pois é observada, e espera-se mais dela do que das outras. Seu vestuário deve ser um exemplo... A influência da esposa, ou fala decidida, inequivocamente em favor da verdade, ou contra ela.” – *Testemunhos Seletos*, vol. 1, págs. 37.

Quando Deus ordenou que Moisés construísse o santuário no deserto, deu-lhe instruções específicas quanto ao tipo de vestimenta dos sacerdotes. A presença de um Deus santo levaria à morte quem se aproximasse indignamente dEle. Assim, o serviço prestado pelos sacerdotes não podia

ser caracterizado por atos e trajes não condizentes com a santidade do templo. Tudo o que tivesse conotação com o paganismo deveria ser excluído do serviço sagrado.

É inegável que existe certa preocupação, hoje, quanto ao tipo de vestuário usado em programações da igreja, casamentos, ensaios e outras. Sobre esse assunto, Ellen White foi bastante incisiva ao lamentar que nossas irmãs esqueceram “tanto seu santo caráter e o dever que têm para com Deus, que imitem as modas do mundo. É tão incoerente com a fé que professamos, que nos torna ridículos aos olhos dos mundanos” – *Ibidem*, pág. 595.

*“A roupa aparatosa,
extravagante, muitas vezes
encoraja o sensualismo no coração
do que a usa, e desperta as paixões
inferiores no coração do observador”*

Jamais deveríamos nos deixar escravizar pelos exageros da moda secular no que tange ao vestuário. Sendo muito mais que simplesmente uma questão de bom gosto, o vestuário pode contribuir para a salvação ou perdição do usuário, ou das pessoas alcançadas por sua influência e seu exemplo.

CORRESPONDENDO AO AMOR DE DEUS

O Senhor deseja que alimentemos auto-estima saudável e que nos tornemos uma bênção para nosso esposo, nossa família, a igreja e o mundo. Ele “fica decepcionado quando Seu povo se estima a si mesmo como de pouco valor. Deseja que Sua escolhida herança se avalie segundo o preço que Ele lhe deu. Deus a queria, do contrário não enviaria Seu Filho em tão dispendiosa missão de a redimir” – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 668.

Sim, Cristo humilhou-Se a Si mesmo, deixando o Céu, a glória e a majestade e Se fez servo. Foi sentenciado a morrer como os piores elementos da sociedade, sofrendo a mais terrível angústia, por amor aos perdidos. Não deveríamos viver à altura desse amor, como exemplos dignos de imitação, tanto no falar, como no procedimento, e também na maneira de nos vestirmos?

Que nossa vida honre o nome de Deus e, assim, mostremos ao mundo que, acima de tudo, usamos as vestes da justiça de Cristo. ◉

SUPERANDO OBSTÁCULOS NA EVANGELIZAÇÃO



Denison Moura

Pastor na Associação
Paulista Leste

Os desafios do mundo moderno são a oportunidade de Deus. Podemos aproveitá-la

Enfrentar mudanças no mundo tornou-se um desafio tão grande quanto a missão de pregar o evangelho. Tão intensas e freqüentes têm sido que quase não conseguimos acompanhá-las; mas elas estão aí afetando nosso trabalho. Precisamos estar em condições de lidar com as mudanças e tirar proveito delas.

“O evangelho de Jesus Cristo foi proclamado em todas as eras com poder para converter os corações humanos. Hoje em dia, o evangelho é a resposta para os anseios da geração pós-moderna. Nossa missão como discípulos de Cristo consiste em encarnar e expressar as boas-novas eternas de salvação, de modo que a nova geração possa compreendê-las. Somente desse modo poderemos nos tornar veículos do Espírito Santo, possibilitando assim às pessoas experimentarem o mesmo encontro transformador com o Deus triúno de quem toda a nossa vida extrai significado.”¹

Se estivermos atentos a essa realidade atual, perceberemos que, “para alcançar os que ainda não foram alcançados, levar à igreja os sem-igreja e salvar os não-salvos, precisamos compreender que as pessoas que compõem a geração atual não querem viver seis dias por semana no século 21 e depois vir para uma Escola Sabatina ou para cultos e reuniões evangelísticas que têm as cerimônias dos anos 70”.²

MUDANÇAS

De modo geral, podemos dizer que a condição dominante da sociedade atual é de secularismo, alicerçado na supervalorização do ego. O ser humano se transformou no centro

das atenções. Sentimentos, interesses e convicções pessoais ocupam lugar de predominância em muitos corações. A auto-suficiência alimentada no coração passa a dirigir os aspectos espirituais, fazendo com que preceitos bíblicos legítimos percam sua importância. Por isso, o comportamento de muitas pessoas é afetado, levando-as a perder a visão da soberania de Deus. Não é fácil apresentar os encantos de Jesus a pessoas secularizadas; as barreiras criadas dificultam a pregação.

Outro fator impulsionador do secularismo é o desenvolvimento tecnológico. Evidentemente, a tecnologia tem seu valor na vida das pessoas, inclusive na pregação do evangelho. Entretanto, o relativo baixo custo de seus bens, a capacidade de produção e a facilidade aquisitiva criaram uma nova condição social: o consumismo. O estímulo para adquirir produtos de todo tipo prende o interesse das pessoas, gerando compromissos financeiros que comprometem a mordomia pessoal.

O avanço tecnológico transformou o mundo em uma “aldeia global”. Internet, telefonia celular e transmissões via satélite romperam limites e distâncias. As culturas estão mais próximas; porém, cada vez mais distintas. As particularidades estão mais evidentes e isso exige atenção e abordagem especiais. O que não é muito diferente, quando pensamos nas distinções das classes e grupos sociais de uma mesma cultura. “Como resultado das constantes mudanças que ocorrem em nossa cultura, toda igreja pode se adaptar às mudanças, permanecendo relevante sem perder o valor da mensagem.”³

MÉTODOS

Nessa tarefa, é indispensável a ação do Espírito Santo, orientando-nos e iluminando a mente. Porém, nossa parte não pode ser negligenciada. Ela envolve a aceitação de que o



aprendizado de novas práticas requer o desapego das antigas, humildade para descartar algumas idéias, busca de visão espiritual para desenvolver novos métodos e estratégias para superar desafios.

Quanto a métodos, Ellen White aconselha: “Nosso método é: Não torneis proeminentes os aspectos objetáveis de nossa fé, que batem mui decididamente contra as práticas e costumes do povo, até que o Senhor lhe dê uma boa oportunidade de conhecer que somos crentes em Cristo, que cremos na divindade de Cristo e em Sua preexistência.”⁴ Criar conexão, evitando conflitos, é um passo importante; na verdade, o primeiro. Do contrário, as pessoas reagirão de modo diferente do que temos nos acostumado a ver no passado. Sua condição, hoje, é outra e o primeiro passo é alcançá-las onde estão. A visão atual de religião está relacionada à satisfação de necessidades, prática de ações de bondade como estilo de vida.

“Estima-se que cerca de 60% das pessoas não respondem aos apelos espirituais. Estão cansadas de religião, apelos por dinheiro, dos truques usados para induzir as pessoas à fé, e dos interesses políticos. Mas assistiriam a programas que suprissem suas necessidades, tais como cursos de saúde, seminários sobre administração do tempo, vida familiar, controle de estresse, nutrição, estilo de vida, alfabetização, estudo de idiomas, etc.”⁵

Stanley Grenz endossa esse pensamento: “Tendo por foco a comunidade, o mundo pós-moderno nos estimula a reconhecer a importância da comunidade de fé em nossos esforços evangelísticos. Os membros da nova geração, geralmente, não se impressionam com nossas apresentações verbais do evangelho. O que desejam ver são pessoas que vivem o evangelho em relacionamentos integrais, autênticos e terapêuticos. Centrando-se no exemplo de Jesus e dos apóstolos, o evangelho cristão da era pós-moderna convidará outras pessoas a participarem da comunidade daqueles cujo alvo de lealdade maior é o Deus revelado em Cristo. Os participantes dessa comunidade procurarão atrair outros a Cristo incorporando o evangelho à comunhão de que partilham.”⁶ A verdade terá poder sobre a vida de homens, mulheres, jovens e crianças envolvidos pela escuridão do tempo, despertando seu anseio pelo Salvador.

Temos a convicção de que somos um movimento mundial, chamado a cumprir um a

missão; e quanto maior for o número de crentes envolvidos, maior será o alcance. Cristo nos aconselhou a orar pedindo mais ceifeiros (Mat. 9:37 e 38). “Dedicado à carreira evangelística, Moody convenceu-se de que a única esperança para um despertar religioso nacional estava na multiplicação de obreiros que pudessem levar o fogo do avivamento às suas comunidades.”⁷

UNIÃO DE ESFORÇOS

Somos advertidos de que, no trabalho de Deus, “não deve haver regras fixas; nossa obra é progressiva, e deve haver oportunidade para os métodos serem melhorados. Sob a direção, porém, do Espírito Santo, a unidade deve ser preservada”.⁸ O que não pode acontecer é a inibição de novas possibilidades. “Alguns dos métodos usados nesta obra serão diferentes dos que foram postos em prática no passado; mas ninguém, por causa disto, feche o caminho pela crítica.”⁹

Melhor do que trabalhar com métodos novos ou antigos é trabalhar com métodos novos e antigos. Alguns líderes parecem trabalhar motivados pelo *ou* – ou isto ou aquilo, ou evangelismo público ou pequenos grupos. O ideal é nos motivarmos pelo *e*. A combinação de forças é mais eficaz. Podemos fazer “isto e aquilo”; pregação e estudos bíblicos, evangelismo público e pequenos grupos. Nenhum método pode ser dispensado, segundo a visão de Deus. Todos são úteis. Alguns métodos servirão para grupos específicos; nenhum método é absoluto para atingir todos os segmentos. A amplitude de ação em todas as frentes possíveis exercerá efeito mais positivo sobre maior número de pessoas.

Cada membro recebeu dons que se aplicam a ministérios específicos. Grande parte dos membros inativos será contagiada pela atividade, caso seja alocada em ministérios compatíveis com os dons que possui. Nem todos os membros são frios espiritualmente, mas correm o risco de entrarem nessa condição, caso não sejam inspirados e devidamente treinados para o trabalho. Se as atividades estiverem programadas de acordo com os dons disponíveis na congregação, ou focalizadas por novos métodos, elas atrairão maior número de participantes.

Todos os métodos e recursos confiados ao poder do Espírito Santo serão úteis e eficazes no desempenho da missão. Na verdade, para evangelizarmos o mundo neste momento solene e desafiador da História, “o que necessitamos é do batismo do Espírito Santo. Sem isto, não estamos em melhores condições de ir ao mundo do que estavam os discípulos após a crucifixão de seu Senhor”.¹⁰ Dirigidos, capacitados e unidos por Seu poder, cumpremos a missão e, logo, veremos Cristo voltar. ◉

Referências:

- 1 Stanley J. Grenz, *Pós-Modernismo*, pág. 250.
- 2 Jere D. Patzer, *Rumo ao Futuro*, pág. 59.
- 3 Chuck McAlister, “Como fazer a transição numa igreja estabelecida”, artigo em http://www.propositos.com.br/novo/paginas/artigos/transicao_1.htm
- 4 Ellen G. White, *Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos*, pág. 253.
- 5 Emílio Dutra Abdala, *Ministério*, setembro-outubro 1999, pág. 13.
- 6 Stanley J. Grenz, *Op. Cit.*, págs. 244 e 245.
- 7 Emílio Dutra Abdala, *Ministério*, maio-junho 2001, pág. 24.
- 8 Ellen G. White, *Evangélico*, pág. 105.
- 9 *Ibidem*, págs. 129 e 130.
- 10 Ellen G. White, *Review and Herald* 18/01/1890.



CARGAS

COMPARTILHADAS



Daniel J. Rode

Secretário da Faculdade
de Teologia da
Universidade
Adventista del Plata,
Argentina

*Como
administrar as
tensões da vida
cristã e dos
embates pastorais*

As características do século 21 configuram um conjunto de sinais indicadores da proximidade da segunda vinda de Jesus Cristo. Depois do violento ataque terrorista aos Estados Unidos, no dia 11 de setembro de 2001, e das tsunamis no sudeste asiático, em dezembro de 2004, que resultaram em mais de trezentos mil mortos e desaparecidos, nos despertamos para o fato de que ainda terão lugar acontecimentos inéditos que exigirão preparo especial para enfrentá-los.

Esses sinais produzirão “sobre a Terra, angústia entre as nações” (Luc. 21:25). Angústias, não apenas por causa das grandes catástrofes, mas também por falta ou excesso de trabalho, insegurança, assaltos, problemas familiares, doenças, e incapacidade para administrar as cargas da vida. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, o maior problema do século 21 será a depressão, resultante do estresse que as pessoas sofrerão por não saberem administrar seus fardos.¹

A Bíblia contém exemplos de indivíduos que se esquivaram de receber cargas e de outros que as receberam em demasia. Moisés se queixou a Deus, dizendo: “por que ... puseste sobre mim a carga de todo este povo?” (Núm. 11:11). Porém, Deus não lhe havia imposto tal carga; ao contrário, o instruiu a nomear setenta anciãos para que o ajudassem a levar “a carga do povo” (vs. 16 e 17). Aliás, quando Jetro, sogro de Moisés, percebeu sua angústia e o árduo trabalho realizado, o aconselhou a dividir a carga entre líderes de dez, de cinquenta, de cem e de mil. E disse: “...será assim mais fácil para ti, e eles levarão a carga contigo” (Êxo. 18:13-22).

O exercício do pastorado implica a existência de pesadas cargas, assim como a vida cristã individual. Como podemos administrá-las? Há pelo menos três princípios bíblicos, com ênfase imperativa, que podem nos ajudar a fazê-lo.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL

Escrevendo aos cristãos gálatas, Paulo diz que “cada um levará o seu próprio fardo” (Gál. 6:5). A palavra grega *fortiôn*, traduzida como fardo ou carga, contém a idéia de responsabilidade intransferível; algo que temos de levar, sem opção de recusar. Se não a assumirmos, seremos infiéis, irresponsáveis, diante de Deus. Envolve mordomia, e a todos os seres humanos é dito: “Presta contas da tua administração” (Luc. 16:2). Essa é a responsabilidade conferida a cada ser humano.

A expressão “cada um” indica responsabilidade individual. O líder, o liderado, o esposo e pai, a esposa e mãe, o filho, o patrão, o empregado, todos têm responsabilidades e dons, designados por Deus, que são intransferíveis e devem ser cumpridos. Na parábola dos talentos (Mat. 25:1-31), alguns servos receberam cinco talentos; outros, dois; e outro recebeu um. Porém, todos foram igualmente responsáveis diante de Deus pelas cargas e tarefas recebidas. Elas podem ser grandes, médias ou pequenas, mas todos devem responder diante de Deus. “Se sua igreja for ‘normal’, 20% dos membros estarão realizando 80% do trabalho. Isso é conhecido como o

'princípio de Pareto'. Pareto foi um matemático italiano que viveu no século 19. Segundo ele, 80% dos resultados provêm de 20% dos eventos ou pessoas."⁷

Bem, se numa igreja 20% estão levando 80% de toda a carga, a verdade é que ela está contaminada por "ociosidade", doença que a põe numa condição deplorável. Paulo escolheu as palavras certas. Quando disse que "cada um levará o seu próprio fardo", empregou o termo *idios* (próprio), que tem muita força. É "a carga de sua propriedade", "que lhe pertence", que é intransferível, simplesmente "porque é sua". Quando alguém não a assume, outra pessoa o faz. Por isso, temos filhos que prejudicam pais, professores que prejudicam alunos, líderes que prejudicam liderados e vice-versa.

Pais que assumem as cargas dos filhos, com o argumento de não desejarem que estes sofram, estão lhes fazendo grande mal, e transgridem o primeiro princípio imperativo, segundo o qual "cada um levará o seu próprio fardo". Notemos os diferentes aspectos dos princípios bíblicos para levar nossas cargas: 1) Todos, idosos, adultos, jovens e crianças, têm cargas. 2) As cargas são diferentes para cada pessoa. 3) Há diferentes formas pelas quais as cargas são conduzidas. 4) Todos ajudam outros a levarem suas cargas.

W. A. Visser't Hooft, secretário geral do Concílio Mundial de Igrejas, em 1966, discursando em Nova York, disse que, para o cristão, não é suficiente praticar a "coexistência", ou seja, "viver e deixar viver". O cristão autêntico deve chegar à "proexistência", que é "viver e ajudar viver".³

RESPONSABILIDADE DO GRUPO

"Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo" (Gál. 6:2). As igrejas da Galácia enfrentavam problemas. Seus membros manifestavam frutos da carne, como o egoísmo, e falhavam em frutificar obras do Espírito. Tal situação aumentava as cargas da vida. Então, Paulo os aconselhou a restaurar o sentido corporativo, usando uma expressão comum no cristianismo primitivo: "uns dos outros" (do grego *allemelon*). Essa expressão aparece mais de 100 vezes no Novo Testamento.⁴

Diz o apóstolo: "... sede, antes,

servos uns dos outros ... Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede que não sejais mutuamente destruídos" (Gál. 5:14 e 15). Em seguida, desafia os espirituais a corrigir, ou restaurar o que for surpreendido em alguma falta. Nesse texto, corrigir (do grego *katartizo*) é uma expressão médica equivalente a engessar. Era usada, quando havia alguém com ossos quebrados. Na mente de Paulo, o pecador é alguém que se encontra "quebrado" e necessita de ajuda para ser "restaurado". Nesse sentido, a igreja deve ser realmente o que Jesus planejou que fosse: um lugar de restauração do pecador. Aqui aparece o segundo princípio imperativo.

"Levai as cargas [*báros*] uns dos outros." O termo *báros* tem o sentido de "peso". As cargas do verso 2 podem ser postas de lado, se necessário, ao passo que o fardo (*fortión*) do verso 5 é de tal natureza que, independentemente das circunstâncias, deve ser levado,⁵ porque é intransferível. A Nova Versão Internacional da Bíblia diz: "Ajudem-se uns aos outros a levar suas cargas." Não podemos tomar a responsabilidade (*fortión*) de outra pessoa, porque é intransferível; podemos aliviar o peso (*báros*) decorrente de várias causas.

Muitas vezes, diferentes problemas com os quais nos deparamos tornam a vida um fardo insuportável, que pode ser aliviado pela ajuda do grupo eclesialístico. E, como disse Paulo, "assim cumprireis a lei de Cristo". Essa lei, "que vos ameie uns aos outros" (João 13:34), segundo Paulo, é cumprida, na prática, quando nos ajudamos mutuamente a suportar os fardos da vida. "A lei de amor enunciada por Cristo pede que se alivie o povo de suas cargas e não que se lhe imponha novas cargas."⁶

Cristo esperava e cria que cada um, com atitudes simples, poderia fazer isso porque "palavras bondosas, olhares de simpatia, expressões de apreciação, seriam para muitas almas lutadoras e solitárias como um copo de água fria a uma alma sedenta. Uma palavra compassiva, um ato de bondade, ergueriam fardos que pesam duramente sobre fatigados ombros."⁷

Mas, um terceiro conselho bíblico pode nos ajudar a manejar nossas cargas, e está relacionado com a lei de Cristo.

PROMESSA DIVINA

"Lançando sobre Ele toda a vossa ansiedade, porque Ele tem cuidado de vós" (1 Ped. 5:7); "confia os teus cuidados ao Senhor, e Ele te susterá" (Sal. 55:22). A palavra traduzida co-

“Todos carregamos fardos pesados e opressores. Felizmente, podemos encontrar alívio em Cristo Jesus”

mo "ansiedade", no texto de Pedro é *marimna*. No Salmo 55, sua correspondente hebraica foi traduzida como "cuidados". O sentido é o mesmo nos dois casos: carga, fardo. Davi partilhou seu conselho em meio a uma desesperada conspiração. Ele já experimentara o alívio do peso das angústias, ao deixá-las sobre Aquele que "jamais permitirá que o justo seja abalado".

Quando as responsabilidades (*fortión*) são pesadas (*báros*) podem causar ansiedade (*marimna*) quase insuportável, que pode ser aliviada somente com a ajuda de Deus. Por isso, o salmista já indicava o lugar certo em que podemos descansar de nossos cuidados ou ansiedades.

Se for prontamente obedecido, o sábio conselho de Davi e Pedro ainda pode aliviar as cargas, em pleno século 21, quando vivemos o cumprimento de um dos sinais da segunda vinda de Cristo, segundo o qual haveria "sobre a Terra, angústia entre as nações em perplexidade... homens que desmaiarão de terror e pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo" (Luc. 21:25 e 26). Hoje, com a ajuda de cada um, de modo individual, da igreja como grupo e, especialmente, com a ajuda de Deus, podemos aliviar nossas cargas. Porque a verdadeira igreja de Cristo alivia cargas.

A religião dos escribas e fariseus do tempo de Jesus aumentava os fardos. A respeito deles, Cristo disse: "Atam fardos [*fortión*] pesados [*báros*] [e difíceis de carregar], e os põem sobre os ombros dos

homens; entretanto, eles mesmos nem com o dedo querem movê-los” (Mat. 23:4). Alguns se queixavam e continuavam indo à sinagoga e ao templo. Porém, os publicanos e pecadores abandonaram toda esperança.

Ser religioso em Jerusalém era uma carga insuportável; era a religião da aparência. Praticavam boas obras “com o fim de serem vistos dos homens” (v. 5) e colocavam “responsabilidades pesadas” (*fortiones breas*) sobre os pecadores. No entanto, Cristo veio para eliminar a falsificação religiosa, aliviar as cargas. Nele, todos encontramos descanso. Eis Seu convite: “Vinde Mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o Meu jugo e aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma; porque o Meu jugo é suave, e

Meu fardo é leve” (Mat. 11:28-30).

No século 21, assim como no primeiro século, todos carregam fardos pesados e opressores. Cada um tem o seu. Pastores, com seu trabalho desafiador; membros e famílias das igrejas, em sua vida particular, conduzem suas cargas específicas. Felizmente, todos podem encontrar alívio em Cristo Jesus. A expressão “Meu fardo é leve” contrasta com as “pesadas cargas” que os líderes religiosos legalistas impunham ao povo, nos dias de Jesus.

Aparentemente, Cristo estaria aumentando a carga, ao nos propor tomar Seu jugo sobre nós. Porém, quem está familiarizado com a utilização do jugo em animais percebe que o convite do Mestre representa alívio da carga. Ao sermos levados a conduzi-la com o jugo de Cristo, Ele está no outro lado, sustentando o peso maior. Quando, mediante a fé e a oração, aprendo a

deixar minhas cargas sobre Cristo, elas são aliviadas. Porque, como Joe Engelkemier repete várias vezes em seu livro sobre a oração, “Deus pode fazer mais em um momento, por meio de Seu Espírito, do que podemos fazer com nosso esforço durante toda a vida”.⁸

REFLETIR PARA MUDAR

A esta altura, convém enumerar alguns itens conclusivos, dignos de reflexão e que devem nos conduzir a mudanças em nosso modo de agir, tendo em vista nosso benefício pessoal, familiar, como líderes, e para o bem de nossas igrejas:

Muitos membros de igrejas, afetados por um individualismo exagerado, carregam apenas seus fardos, sem ajudar outros irmãos a levarem os seus. Tal atitude não caracteriza uma comunidade que se diz igreja.

O fato mais comumente observado em nossas igrejas é a doença da “ocio-site”, manifestada na prática de uma pessoa levar a carga de cinco. Desse modo, cumpre-se o desastroso “princípio de Pareto”, segundo o qual 20% da irmandade realiza 80% das tarefas da igreja.

Há grupos religiosos que, afligidos pela existência de inúmeros problemas, cruzam os braços e ninguém se dispõe a levar carga nenhuma.

Também existem igrejas que parecem ter sido contagiadas pela doença farisaica de aumentar as cargas na vida dos seus fiéis.

Todos os comportamentos enumerados até aqui refletem aberrações na igreja de Cristo. A igreja só existe, realmente, quando cada um leva suas próprias cargas com responsabilidade e, com amor cristão, ajuda os semelhantes na condução de seus fardos.

Acima de tudo, a plenitude do bem-estar espiritual será experimentada, individual e coletivamente, quando aprendermos a colocar nossas angústias, ansiedades, preocupações e responsabilidades pesadas, sobre Aquele que Se oferece para levá-las por nós. **M**

Referências:

- ¹América Notícias, 19/05/2005.
- ²Fred Smith, *La Dinámica del Iglecra-cimiento* (Miami, Flórida: Caribe, 1993), pág. 69.
- ³Tomás A. Davis, *Prelúdios Para a Oração* (Buenos Aires, Argentina: Aces, 1967), pág. 287.
- ⁴Betty de Carroll, Norma C. de Armengol e José Tomás Poe, editores, *A Nova Concordância Greco-Espanhola del Nuevo Testamento con Índices* (El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 1980), pág. 30.
- ⁵Francis D. Nichol, *El Comentario Bíblico Adventista del Séptimo Día*, vol. 6, pág. 984.
- ⁶Normal F. Pease, *En Esto Pensad* (Buenos Aires, Argentina: Aces, 1969), pág. 304.
- ⁷Ellen G. White, *Serviço Cristão*, pág. 190.
- ⁸Joe Engelkemier, *Grandes Oraciones de la Biblia y Quiénes las Elevaron* (Buenos Aires, Argentina: Aces, 2000), págs. 9, 35, 52, 61, 66 e 88.



Walter de Moraes e Digital Stock

LUGAR DE PAZ



Randall Roberts

Pastor da igreja da
Universidade Loma
Linda, Estados Unidos

*A vida
oferece aflições.
Mas Cristo faz
promessas
singularmente
confortadoras*

Tenho um problema sério. Como cristão, sou chamado a ser uma pessoa calma, a falar de tranqüilidade e a viver em paz. Porém, meu dia-a-dia é qualquer coisa menos sossegado. A razão disso pode ser resumida em duas palavras bem simples. A primeira é *pressa*. Todos nós estamos apressados todo o tempo. Em casa, no trânsito, no trabalho, na igreja, tudo é correria. E sei que não sou a única pessoa com esse problema.

Mas não é apenas a pressa que ameaça, define, ou rouba a calma de nossa vida. Também existe a palavra *preocupação*. Há tanto a fazer, parece que o trabalho nunca tem fim; o telefone não pára de tocar, sempre há pessoas para atender. Quase não há tempo para repouso. Contudo, por favor, não me entenda mal. Não é que eu não queira tranqüilidade. Desejo-a muitíssimo. Minha vida pode estar cheia de movimento, correria, pressa e preocupação, mas eu quero sossego. A questão é: como obtê-lo?

Uma forma de enfrentar a correria é fugir. Fugir para uma ilha, para um filme, um bom livro. Pode ser uma opção, mas, francamente, não é a melhor. Tão logo o processo de fuga termine, todos os problemas estarão no mesmo lugar em que foram deixados. Outra saída é depender das circunstâncias que nos rodeiam. Se elas forem favoráveis, estaremos em paz, certo? Houve um tempo em que essa opção funcionaria razoavelmente bem. Mas, com as mudanças que nos trouxeram ao século 21, esse tempo desapareceu na visão do retrovisor.

A PERSPECTIVA BÍBLICA

Consideremos dois versos dos capítulos 14 e 16 do evangelho de João. Neles, Jesus falava na noite anterior à da crucifixão. A cruz brilhava muito perto; a vida corria perigo. De fato, era difícil imaginar ocasião mais turbulenta. A tempestade estava pronta para lançar sua fúria sobre Ele. Os trovões já ribombavam. O clima emocional ficou pesado; a turbulência estava a caminho. Contudo, nesse tempo turbulento, Jesus falou a respeito de paz. Poderia haver ocasião pior para falar de paz? Mas veja o que Ele disse à véspera da tormenta:

“Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração nem se atemorize” (João 14:27). “Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em Mim. No mundo passais por aflições; mas tende bom ânimo; Eu venci o mundo” (João 16:33).

João 14:27 é a primeira vez em que aparece a palavra *eiréne* (paz) nesse evangelho. Faria mais sentido falar de paz nos primeiros dias de pregação, antes que a multidão crescesse, os conflitos surgissem e chegassem os dias ameaçadores. As circunstâncias eram muito melhores. Não agora, quando sopravam os furiosos ventos da tempestade.

Não sei o que você pensa disto, mas, para mim, uma coisa está clara: a paz da qual Jesus falou não significa ausência de conflito. Afinal, Ele Se encontrava apenas a algumas horas da crucifixão. Pouco tempo antes, mostrara-Se angustiado (João 12:27). Porém, aqui, falou de paz. Sim, a paz que Jesus oferece não é proveniente da

inexistência de lutas, dificuldades ou problemas. Um erudito do Novo Testamento diz que “a paz que Jesus nos dá está fundamentada em Deus, não nas circunstâncias”.¹

NO MUNDO, AFLIÇÕES

O que podemos esperar da vida é aflição. E a segura promessa que recebemos de Jesus é singularmente confortadora. Ela nos garante que, ao enfrentarmos lutas e aflições, não quer dizer que exista algo errado conosco, ou no que fazemos; na verdade, pode ser que alguma coisa esteja muito certa.

No início dos anos 90, nos Estados Unidos, muitos profissionais liberais começaram a se mudar das cidades para o campo. E você pode imaginar o que acontece quando pessoas acostumadas às conveniências da vida citadina chegam à zona rural: elas encontram algumas surpresas. O jornalista Patrick O'Driscoll escreveu no *USA Today* de 08/08/1997: “O rebanho do vizinho po-de feder, você pode ter de cuidar do seu próprio lixo. O carteiro pode não vir diariamente, ou nem vir. Fios de energia elétrica ou telefone podem não alcançar sua propriedade. Bombeiros ou ambulância podem não ser tão rápidos em uma emergência e, sim, a estrada pode não ser asfaltada.”

Aparentemente, muitos não estavam prontos para tais realidades, de modo que começaram a se queixar. Estavam frustrados por não poderem contar com todas as facilidades com que estavam acostumados. A queixa não funcionou muito. Aborrecido, um delegado do município de Larimer, Colorado, escreveu uma cartilha de 13 páginas, intitulada “O código do oeste: as realidades da vida rural”. Veja algumas dessas realidades:

“Animais e seu esterco podem mesmo causar cheiro desagradável. Que podemos fazer?”

“Se sua estrada for de cascalho, é altamente improvável que o município vá pavimentá-la num futuro previsível.

“A topografia do terreno indica por onde a água escorrerá em caso de forte chuva. Se as propriedades ocuparem os desfiladeiros, seus proprietários devem saber que a água que escoava através deles, passará a escoar por suas casas.”

O delegado esclareceu que não estava expulsando os novos moradores, mas informando-os do que os esperava. Assim é Jesus. Ele disse aos

discípulos, a você e a mim: “No mundo, passais por aflições”. Entretanto, esse fato e as ansiedades e preocupações decorrentes dele não devem nos esconder a realidade de Sua segunda afirmação.

EM JESUS, PAZ

A segunda afirmação que podemos fazer a respeito do que Cristo diz nesses versos é: Em Jesus, paz. Noutras palavras, embora você possa estar certo de que o mundo está cheio de problemas, aqueles que estão em Jesus desfrutam plena paz. Recebem a graça de erguer-se acima do combate, para um lugar de serenidade.

Eugene Peterson escreve acerca de uma cena do clássico *Moby Dick*, de Herman Melville. Nessa cena, há um barco singrando o espumoso e turbulento oceano em perseguição a uma grande baleia branca, *Moby Dick*. Os marinheiros trabalham intensamente, com músculos tensos, bem atentos à sua tarefa. É o conflito cósmico que nós vemos, a batalha entre o bem e o mal. Há o caótico mar e o demoníaco monstro marinho contra o Capitão Acabe, um homem moralmente ultrajado.

Mas o que chama nossa atenção é que, nesse barco, há um homem que nada faz. Não rema, não trabalha duro, nem grita. Está circunspecto e inerte no meio de toda agitação. Quem é ele? É o arpoador, que tem a responsabilidade de lançar o arpão contra a baleia. Ele espera quieto e sério. Então, lemos esta sentença: “Para assegurar maior eficácia no dardo, os arpoadores deste mundo devem começar na quietude, não na fadiga.” Captou a lição? Esse ensinamento de Melville, segundo Eugene Peterson, “pode ser posto lado a lado com o do salmista: ‘Aquietai-vos e sabeis que Eu sou Deus’ (Sal. 46:10), e com o de Isaías: ‘Em vos converterdes e em sossegardes está a vossa salvação; na tranqüilidade e na confiança, a vossa força’ (Isa. 30:15).”

Peterson continua: “Os pastores sabem que há alguma coisa radicalmente errada com o mundo. ... A baleia branca, símbolo do mal, e o capitão ofendido, personificação da justiça violada, estão em batalha. Em tal mundo, o barulho é inevitável, e imensa energia é gasta. Mas, se não houver arpoador no barco, não haverá peixe para caçar. Ou, se o arpoador estiver cansado, deixar sua tarefa e se tornar remador, não estará pronto quando for tempo de lançar o dardo.

“Parece mais fácil assumir o trabalho do remador, trabalhando vigorosamente em uma causa moral, empregando nossa energia em um combate que sabemos ter conseqüências imortais. Também parece mais dramático absorver a injúria do capitão Acabe, obcecado pela visão de vingança e retaliação, ruminando a ofensa feita pelo inimigo. Alguém deve lançar o dardo. Alguns devem ser arpoadores.”²

É muito fácil permitir que a correria e as preocupações da vida impeçam cada cristão e, mais especificamente, cada pastor de desfrutar o privilégio de estar com Jesus. Quando a tormenta das exigências do trabalho soca o barco da vida, somos tentados a deixar o posto de arpoadores e a empregar nossa força no remo. É então que devemos nos lembrar de que todo pastor foi chamado, antes de tudo, para estar com Jesus. Ele diz: “Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em Mim.” Isso significa que devemos estar com Ele; nEle descansar.

Quando foi a última vez em que você esteve com Jesus, permanecendo demoradamente em Sua presença? Quando foi a última vez em que você, atormentado pela fúria dos problemas, dificuldades, ameaças e perspectivas nada otimistas, esteve a sós com Ele?

Você já ouviu a história daquela velhinha de Londres, na Segunda Guerra Mundial? A cidade estava sendo bombardeada e os escombros se amontoavam nas ruas. Estranhamente, ela parecia estar em paz. “Como pode a senhora ficar tão tranqüila? Como consegue descansar no meio deste caos?”, os vizinhos lhe perguntavam. “Bem”, ela respondeu, “todas as noites, antes de dormir, peço que Deus cuide de mim. Imagino que assim não há razão para nós dois ficarmos acordados; então, vou dormir.”

Você percebe? O problema real não se resume à correria nem às preocupações, mas se repousamos ou não em Cristo. No mundo, teremos aflições. Em Jesus, teremos paz. ■

Referências:

- ¹ Rodney A. Whitacre, *The IVP NT Commentary Series: John* (Downers Grove, Ill: University Press, 1999), pág. 365.
- ² Eugene H. Peterson, *The Contemplative Pastor* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1993), págs. 33 e 34.

DIGA AO MUNDO



Mark A. Finley

Vice-presidente da Associação Geral da IASD

Um programa para mobilizar toda a igreja neste quinquênio em prol da evangelização mundial

Certamente, não foi um fato rotineiro. Pode até ter sido histórico. Seja como for, na abertura do Concílio Anual mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em outubro de 2005, o Pastor Jan Paulsen apresentou entusiasticamente o projeto “Diga ao mundo”. Esse projeto é uma iniciativa cujo objetivo é alcançar cada habitante do mundo, com a mensagem do evangelho, até o ano 2010.

Não se trata de mero *slogan* nem de retórica vazia. O plano demanda um clamor profético por intermédio de uma igreja profética. Como disse o Pastor Paulsen: “Quando se trata de missão da Igreja, nada deveria ser rotina. Em todos os nossos pensamentos e planos, em todos os níveis, devemos nos perguntar constantemente: O que devemos fazer, e como devemos agir para levar Cristo às pessoas que não O conhecem? Como devemos efetiva e criativamente comunicar esperança àqueles que não a têm? Essa continua sendo a nossa missão. Possa cada um de nós – membros e líderes da igreja – comprometer-se novamente com a tarefa que nos foi confiada: proclamar ao mundo as boas-novas de Cristo e Seu breve retorno.”

Caso deixe de enfatizar o objetivo de alcançar toda pessoa, a igreja perde a razão de sua existência conforme descrita em sua declaração de missão: “A missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia é proclamar a todas as pessoas o Evangelho eterno do amor de Deus, no contexto das três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12, e conforme revelado na vida, morte, ressurreição e ministério sacerdotal de Jesus Cristo, convidando-as a aceitarem a Jesus como Salvador e Senhor e a se unirem à Sua Igreja remanescente; e nutrindo-as e edificando-as na preparação para Sua breve volta.”¹

Neste e nos próximos anos, até 2010, a igreja estará envolvida em um plano estratégico, diretamente centralizado na missão recebida do Senhor. O projeto enfatiza a identidade da igreja como movimento estabelecido por Deus e sua missão de proclamar o evangelho a “toda nação, tribo, língua e povo” (Apoc. 14:6).

O QUE É

Mais que um programa, “Diga ao mundo” incorpora o que a igreja, pela graça de Deus, será e fará no sentido de cumprir a grande comissão dada por Jesus, para pregar o evangelho a toda criatura. Como compromisso individual e corporativo, “Diga ao mundo” desafia cada membro a viver os valores-chaves da qualidade de vida, unidade e crescimento na família de Deus.

“Diga ao mundo” inspira a igreja a conhecer Jesus pessoalmente, partilhá-Lo com entusiasmo, e proclamar Seu nome a uma voz. Poderíamos nós começar a imaginar o que Deus poderia fazer, se cada administrador, cada pastor e membro da igreja vissem os princípios do evangelho em sua vida pessoal, e testemunhassem amorosamente das verdades da Bíblia às pessoas em seu mundo?

Imagine uma comunidade global vivendo a vida de Cristo em serviço altruísta, um povo capacitado pelo Espírito Santo orando, nutrido pela Palavra de Deus e unido

na missão de cumprir seu propósito como embaixadores de Deus em um mundo necessitado!

SETE ÁREAS PRINCIPAIS

A Igreja identificou sete áreas-chaves para as quais deve direcionar seus recursos, energia e orações durante os anos cobertos pelo planejamento que a unirá na compreensível visão de partilhar as boas-novas. Cada nível de liderança eclesiástica, cada instituição, cada setor e cada membro de igreja será envolvido.

As sete áreas em apreço incluem crescimento espiritual, envolvimento comunitário, testemunho pessoal, evangelismo das cidades, plantio de igrejas, programação evangelística e pregação através de mídia. Vamos testar essas áreas e, então, fazer estas perguntas: De que maneira elas podem se relacionar com a igreja local? Como pode a ampla visão do projeto “Diga ao mundo” tornar-se o chamado específico para contar sobre o amor de Cristo ao seu mundo? Como pode a visão corporativa da Igreja mundial se tornar a força motriz que impulsiona a igreja local?

DESAFIOS À VIDA ESPIRITUAL

Recentes pesquisas indicam que os adventistas do sétimo dia têm confiança em Cristo como seu Redentor. Eles aceitaram a segurança da salvação unicamente através de Cristo. Porém, outros dados relativos à vida espiritual trazem à tona sérias preocupações. A maioria dos membros da igreja não gasta tempo em devoção diária. Menos de 50% dos adventistas reservam tempo diário para estar com Deus em oração e estudar Sua Palavra. Quantidade inferior a essa lê regularmente os escritos de Ellen White.

Se, através de “Suas preciosas e mui grandes promessas” nós nos tornamos “co-participantes da natureza divina” (II Ped. 1:4), como podem os crentes crescer em Cristo sem o estudo da Bíblia? Conforme Pedro declara, fomos “regenerados, não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a Palavra de Deus, a qual vive e é permanente” (I Ped. 1:23). Se é assim, como é possível ser cristão genuíno sem uma vida de devoção pessoal?

Ellen G. White é oportuna, quando diz o seguinte: “Se a Palavra de Deus fosse estudada como deveria ser, os homens teriam uma largueza de espírito, uma nobreza de caráter e firmeza de propósito que raro se vêem nesses tem-

pos.”² Todo reavivamento genuíno tem suas raízes na oração e na Palavra de Deus. Sem vida devocional diária, não há crescimento espiritual. Poderia ser que a pobreza espiritual é uma das principais razões de a igreja parecer tão fraca para dizer ao mundo? Então, “um reavivamento da verdadeira piedade entre nós é nossa maior e mais urgente necessidade. Buscá-lo, deve ser nossa primeira ocupação.”³

Conheço uma igreja na África, na qual 40 a 60 mulheres se reúnem cada manhã às 4h30 para buscar a bênção do Espírito sobre suas famílias, vida pessoal, igrejas e comunidades. Em resposta, Deus tem feito coisas maravilhosas em suas respectivas congregações. Durante recente visita, testemunhei 350 pessoas atendendo ao poderoso apelo do pastor. Quando o Espírito Santo age, é Deus fazendo alguma coisa especial.

“Se o aprofundamento espiritual não for prioridade na vida do pastor, não o será para sua congregação”

Cada pastor deve fazer a si mesmo a penetrante indagação: “Que posso fazer para levar minha igreja a uma vida espiritual mais profunda? Por onde deveríamos começar? Quem sabe, com um “café da manhã” de oração, mensal, com os anciãos. Ou uma série de sermões sobre vida espiritual, nas quartas-feiras. Talvez, no culto de sábado pela manhã, apresentação de mensagens sobre “Conhecer Jesus”, com apelo feito em cada uma delas. Qualquer que seja sua escolha, para tornar isso realidade, uma coisa é certa: se o aprofundamento da vida espiritual não for prioridade na vida do pastor, não o será para a congregação. Espiritualidade complacente requer pouco esforço do pastor. Por outro lado, espiritualidade dinâmica, viva e congregação missionária são resultado da visão, criatividade e da energia do pastor.

O problema da apostasia também afeta nossas igrejas. A média de assistência à Escola Sabatina e à igreja, em algumas partes do Campo mundial os-

cila em torno de 50%. Pode uma igreja ser espiritualmente sadia, quando aproximadamente metade de seus membros não a freqüentam? Nos últimos cinco anos, 5.049.157 pessoas se tornaram membros da igreja, por batismo ou profissão de fé. Durante o mesmo período, 1.397.608 foram removidas do rol de membros. “Diga ao mundo” antevê uma igreja espiritualmente viva, cuidadosa, sensível e preocupada com os membros que saem, tanto quanto com os que permanecem.

Na parábola da ovelha perdida, o bom pastor descobriu uma ovelha perdida entre cem; e se importou o bastante para ir buscá-la. O único modo pelo qual ele soube que havia uma ovelha perdida foi contando o rebanho. Está você contando suas ovelhas? Sabe quem está presente, e quem não está, no sábado pela manhã? Tem você um plano para resgatar os que estão deixando a igreja? Pesquisas sobre apostasia indicam que, se um membro afastado não é contatado por alguém da igreja dentro de aproximadamente seis semanas, ele geralmente reinveste seu tempo em algumas outras atividades tais como trabalho, esportes, família, clubes sociais. Tendo a atenção direcionada para outras coisas, torna-se difícil de ser alcançado.

“Diga ao mundo” não é simplesmente uma visão do que acontece em outro continente, em outra cultura, ou lugar distante – é o que acontece em sua igreja. O plano suscita a seguinte questão: Como pode sua igreja aumentar de 50% para 65% o índice dos membros que investem tempo em estudo da Bíblia e oração? Como podemos aumentar o nível de assistência aos cultos e programações da igreja? De que modo podemos desenvolver uma estratégia para reduzir a apostasia e engajar ativamente os novos membros na missão?

O DESAFIO DO CRESCIMENTO

Igrejas que crescem, treinam e equipam seus membros para o trabalho missionário. Alcançam a comunidade, a fim de satisfazer as necessidades do povo. Tais congregações são dinâmicas e sensíveis às necessidades comunitárias, embora, ao mesmo tempo também sejam evangelísticas em seus propósitos. Apenas um em três adventistas está partilhando sua fé ou está envolvido em serviço comunitário. Uma das metas do projeto “Diga ao mundo” centraliza-se no aumento da porcentagem – de 29% a pelo menos 40% – de membros envol-

vidos na comunidade. Se sua igreja fechasse as portas amanhã, a comunidade sentiria falta dela? Se, por alguma razão, ela deixasse de funcionar, a comunidade tomaria a iniciativa de reabri-la?

Um princípio de crescimento de igreja enuncia que quanto mais limitado for seu programa-base, menos pessoas serão ganhas para Cristo. Se você contata poucos, ganhará poucos. É simples assim. Por que não relacionar e anotar todas as maneiras pelas quais sua igreja vai interagir com a comunidade neste ano? Quantos convidados e visitantes serão contatados? Se o número total for menos que três vezes o número de seus membros, a igreja, provavelmente, terá pouco impacto na comunidade. Está você planejando classes de estudos bíblicos, concertos musicais, seminários de saúde e vida familiar, especificamente direcionados a colocar a irmandade em contato com a comunidade? Se for assim, sua igreja crescerá.

“Diga ao mundo” desafia cada um dos cinco milhões de adventistas a alcançar pelo menos uma pessoa para Cristo nos próximos cinco anos. Se cinco milhões de adventistas ganharem cinco milhões de amigos, familiares e vizinhos para Cristo nesse período, batizaremos o mesmo número de pessoas que foram batizadas como resultado de todos os outros projetos juntos. Cada um ganhando um é uma iniciativa na qual cada região do Campo mundial desenvolverá planos de ação e programas para treinar e equipar cinco milhões de voluntários para o testemunho pessoal.

O apóstolo Paulo descreve o papel do pastor, como alguém que equipa “os santos [crentes] para o desempenho do Seu serviço” (Efés. 4:12). Ellen White acrescenta: “Toda igreja deve ser uma escola missionária para obreiros cristãos”.⁴

“Diga ao mundo” antevê pastores treinando, equipando e envolvendo membros de suas igrejas no serviço. Igrejas em crescimento, com mentalidade evangelística, treinam e equipam seus membros a fim de que alcancem outras pessoas para Cristo. É sua igreja uma “escola missionária para obreiros cristãos”? Tem você planos específicos para envolver todos os membros de seu distrito no trabalho de alcançar a comunidade? Que matérias você ensinará neste ano, em seu programa de treinamento, visando a capacitar a irmandade com habilidades específicas no testemunho pessoal?

Sua igreja existe na qualidade de corpo simbólico de Cristo. Tendo seus

membros treinados e equipados, eles estarão prontos para atender necessidades em todo lugar, no nome de Jesus, e a igreja explodirá em crescimento. A igreja no Peru, país com mais de 680 mil membros e uma média de um adventista para cada 40 não-adventistas, batizou mais que 57 mil pessoas em 2004. Em

*“Igrejas que plantam
novas igrejas crescem
espiritualmente
mais fortes”*

2005, o número de batismos foi 64.313. O Pastor Ruy Nagel, presidente da Divisão Sul-Americana, partilha o segredo desse crescimento: “Evangelismo integrado – envolvimento de toda a igreja e dos pequenos grupos – é a referência do sucesso na Divisão Sul-Americana.” Líderes eclesiais, apaixonadamente comprometidos com a missão, também se empenham, apaixonadamente, em treinar, capacitar e equipar o exército voluntário da igreja para a missão.

DESAFIO URBANO

Embora a igreja experimente rápido crescimento em muitas regiões, ainda permanece um extraordinário desafio. A população do mundo é estimada em mais de seis bilhões de pessoas. A cada segundo, nascem quatro bebês. A China, com 1.3 bilhão de habitantes, e a Índia, com população superior a um bilhão de pessoas, representam enormes desafios à nossa missão. Os centros populacionais emergentes naqueles vastos países permanecem virtualmente intocados pela mensagem do evangelho. As grandes cidades crescem extraordinariamente; na verdade, elas centralizam o maior crescimento populacional e logo se tornarão morada para mais da metade da população mundial. Porém, nesse crescente mundo urbano, a maioria das congregações adventistas está situada fora dos grandes centros.

As Divisões da Igreja Adventista têm mirado as 66 maiores cidades com uma estratégia-padrão, tendo em vista causar impacto entre sua população massiva. Acima de 400 cidades no mundo são habitadas por um milhão

de pessoas ou mais. Dessas, 58 são megalópoles, cada uma contendo mais de cinco milhões de habitantes com aglomerações urbanas, como Tóquio, Cidade do México, Seul, Nova Iorque e São Paulo, beirando 20 milhões cada uma. O desafio pode ser descrito como massivo; contudo, é mais que um desafio numérico. Nessas cidades, vivem numerosos grupos étnicos, e esses grupos representam a população do mundo.

Em 1882, Ellen White referiu-se à questão das grandes cidades, ao dirigir-se à liderança da Igreja. Disse ela: “Tem-se-me mostrado que em nosso trabalho para esclarecimento do povo nas grandes cidades a obra não tem sido tão bem organizada nem os métodos de trabalho tão eficientes como em outras igrejas que não possuem a grande luz que nós consideramos tão necessária.”⁵

Em 1902, ela continuou insistindo no assunto, afirmando que “novos métodos precisam ser introduzidos”.⁶ Isso leva administradores e pastores igualmente a fazerem três perguntas fundamentais relacionadas com a evangelização de pessoas:

1. Que mudanças Deus chama as igrejas, Associações, Uniões e Divisões a fazer no seu planejamento; que estratégias e prioridades estabelecer para alcançar as grandes cidades?

2. Que novos métodos poderíamos experimentar hoje, em nosso trabalho de alcançar os grandes centros urbanos secularizados?

3. Considerando que as grandes cidades são campos missionários, como poderíamos redirecionar recursos financeiros e humanos, a fim de alcançá-las?

Deus tem as respostas. Quando em oração fervorosa nós O buscarmos, Ele certamente revelará como podemos alcançar os grandes centros populacionais urbanos.

PLANTIO DE IGREJAS

“Diga ao mundo” também centraliza nossas atenções em um grande movimento de plantar igrejas. Entre os anos 2000 e 2005, a Igreja Adventista plantou 17 mil novas congregações. Durante os próximos anos, a liderança denominacional se comprometeu a plantar 20 mil novas congregações. Devemos lembrar que a igreja cristã primitiva explodiu em crescimento por causa de sua atenção constantemente focalizada no plantio de novas igrejas. Atos 9:31 relata que “a igreja, na verdade, tinha paz por toda a Judéia, Ga-

liléia e Samaria ... [e] crescia em número”. Atos 16:5 acrescenta: “Assim, as igrejas eram fortalecidas na fé e aumentavam dia a dia em número.”

Novas congregações geralmente pulsam vida espiritual saudável. Novos membros trazem refrigério ao corpo de Cristo. Deus está desejoso de levar sua congregação a plantar uma nova igreja em sua comunidade. Talvez, você tenha em sua igreja algum grupo étnico representado – quem sabe um grupo estrangeiro ou de outra região do país. Esse grupo tem a responsabilidade de alcançar pessoas de suas próprias origens, que ainda não foram alcançadas pelas mensagens dos três anjos apocalípticos. Estude e crie meios de apoiá-los. Encontre meios de encorajá-los nessa missão.

Acaso, você já detectou alguma comunidade, em seu distrito, sem a presença adventista? Que tal a idéia de enviar para essa comunidade cinco casais, pessoas, ou até famílias missionárias, com o propósito de plantar ali uma nova igreja? Igrejas que plantam novas igrejas crescem espiritualmente mais fortes.

EVANGELISMO PÚBLICO

O evangelismo público continua sendo um fator significativo, fundamental mesmo, no crescimento da igreja em muitas partes do mundo. A realidade de que “aprove a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação” (I Cor. 1:21) ainda é altamente válida. Homens e mulheres do século

21 ainda respondem à pregação cristocêntrica, bíblicamente fundamentada, e que revela a mensagem do amor de Deus para o mundo nos últimos dias. “Diga ao mundo” prevê mais de 60 mil igrejas adventistas, em todo o mundo, patrocinando pelo menos uma campanha de evangelismo público cada ano.

Se cada igreja realizar uma campanha de evangelização, anualmente, teremos realizado 300 mil campanhas no fim destes cinco anos. Que explosão evangelística! Por que não se reunir com a comissão de sua igreja, examinar o calendário, orar, planejar e preparar sua campanha? Escolha o modelo que funciona melhor para você, na realidade onde vive e trabalha. Algumas campanhas exploram as profecias durante cinco ou seis semanas. Outros pastores preferem campanhas menores, durante as quais apresentam a vida de Cristo. Há quem siga a série doutrinária convencional. Seja como for, a questão não é o tópico focalizado nem o tamanho da campanha. Onde quer que a Palavra seja pregada e apelos sejam feitos, o Espírito Santo atua e pessoas serão levadas à conversão.

PRESEÇA DA MÍDIA

“Diga ao mundo” também estabelece que haverá uma conexão internacional do ministério da mídia adventista, cobrindo o planeta com as três mensagens

angélicas. Nossa liderança está seriamente comprometida no sentido de usar, da maneira mais criativa possível, a moderna tecnologia e todos os canais de comunicação – rádio, televisão, internet e publicações – para alcançar toda pessoa no mundo com a mensagem do evangelho.

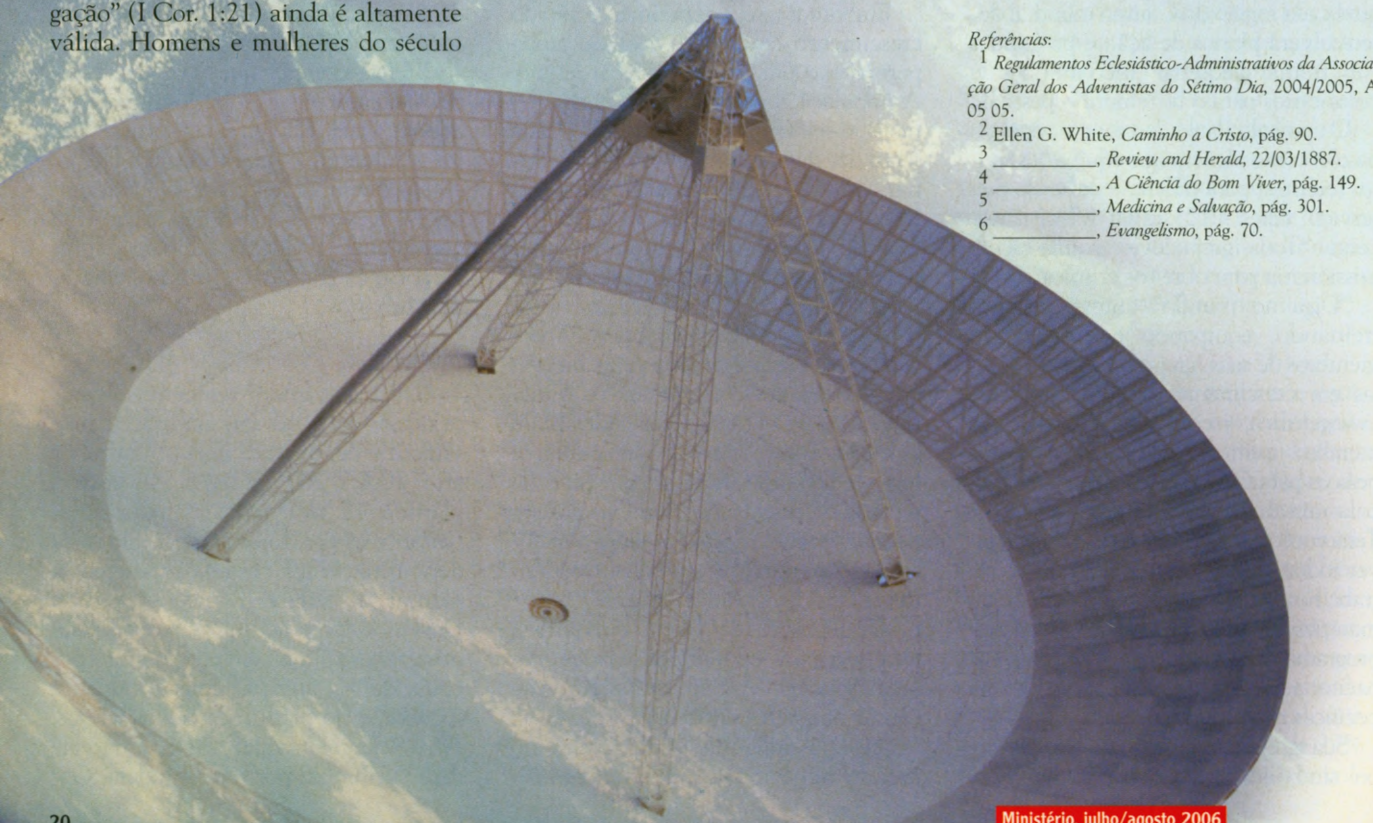
“Diga ao mundo” antevê uma igreja com os membros em oração, cheios do Espírito Santo, nutridos pela Palavra de Deus; uma igreja dinâmica, fraterna, empenhada na satisfação de suas necessidades espirituais e em buscar, amorosamente, a ovelha perdida. Sim, “Diga ao mundo” contempla uma igreja na qual todos os departamentos, instituições, líderes e membros estejam unidos na missão redentora.

Todas as ordens do Senhor são exequíveis. Tudo o que Ele nos chama a cumprir, pode ser realizado em virtude da capacitação que o Espírito Santo nos dá. Ele promete: “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim” (Mat. 24:14). Sua cidade, seu distrito, seu bairro, sua rua, sua vizinhança, este é seu mundo. A missão que Deus nos confiou não estará cumprida enquanto faltar um lugar em nossa área de ação.

Estejamos nós comprometidos, diariamente, com a missão de contar ao mundo a velha e sublime história do amor de Deus. ◻

Referências:

- 1 Regulamentos Eclesiástico-Administrativos da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, 2004/2005, A 05 05.
- 2 Ellen G. White, *Caminho a Cristo*, pág. 90.
- 3 _____, *Review and Herald*, 22/03/1887.
- 4 _____, *A Ciência do Bom Viver*, pág. 149.
- 5 _____, *Medicina e Salvação*, pág. 301.
- 6 _____, *Evangelismo*, pág. 70.



COMO ADMINISTRAR CONFLITOS



Davi VanDenburgh

Pastor em Kettering,
Ohio, Estados Unidos

*Recursos
para
enfrentar
e superar
situações
de crise*

Não raro, no ministério pastoral, as crises podem surgir imperceptivelmente e tomar diferentes formas. Morte, acidente, separação conjugal, fuga de um filho, conflito teológico, desafios à liderança pastoral, queixas, comissões ácidas, igrejas divididas, disputas pelo poder, conflito interpessoal; bem, a lista vai longe.

A tendência humana de nos sentirmos pessoalmente ameaçados e vulneráveis torna as crises assustadoras e potencialmente destrutivas. Qualquer que seja sua origem, a crise rápida e facilmente se torna um desafio ao nosso ego. Nós a tomamos pessoalmente. Preocupamo-nos sobre como reagiremos. Esperamos provar que somos adequados e competentes. Identificamo-nos com a pessoa em crise e nos sentimos vulneráveis. Permitimos que a crise se torne referência sobre nosso valor pessoal, como pastores e indivíduos.

Esse último conceito é especialmente verdadeiro quando a crise é centralizada no desempenho pastoral. Um membro da igreja nos escreve, sugerindo que poderíamos ser mais felizes fazendo outra coisa em outro lugar. Ouvimos que pessoas estão insatisfeitas com nossa liderança. Somos transferidos para outro lugar, e ficamos sabendo que a igreja anterior gostaria mesmo de ter um melhor pregador. O presidente da Associação nos chama ao seu escritório e conversa sobre as queixas de alguns irmãos.

Como reagir a tais crises? Que deveríamos fazer? O que não deveríamos fazer? Acredito que as sugestões seguintes podem ajudar a responder essas indagações.

O QUE NÃO FAZER

Não se sinta vítima. Você não está desamparado. As pessoas têm diferentes personalidades e perspectivas. Só porque elas não concordam com você, não significa que você seja um pobre coitado. Houve um tempo em que me senti incomodado por alguns irmãos, e sua crítica anuviou meus pensamentos e percepções. Queixei-me disso a alguns colegas e de quão difícil era pastorear aquela igreja. Até que um deles me ensinou a mudar minha perspectiva. Compreendi que eu não era a vítima. Escolhi pastorear e parar de me queixar. Escolhi não ser vítima.

Não fique na defensiva. Conserve a boca fechada e respire pelo nariz! Ouça cuidadosamente. Busque compreender em vez de ser compreendido. Não explique; apresente razões, ou argumentos.

Não se leve tão a sério. O que você está enfrentando não é uma catástrofe. Você não é o primeiro pastor a ser criticado, nem será o último. Concentre-se sobre o que pode aprender da crise. É normal ser humano e falhar. Depois de tudo, até o maior apóstolo disse: "Quem, porém, é suficiente para estas coisas?" (II Cor. 2:16). A resposta é clara: ninguém. Você é apenas um servo de Deus; não tem de ser Deus. Relaxe.

Não fique ansioso nem se sobrecarregue. Deus vê todas as coisas; está no controle, à sua frente. Ele o ajudará a gerenciar toda dificuldade. Também não precisa exibir-se, mostrando um catálogo de soluções para tudo. Não tente resolver todos os problemas de todas as pessoas.

Não tente controlar todas as coisas. Tudo o que você conseguirá tentando controlar as pessoas é o entorpecimento de vontades. Nem Deus tenta controlar as pessoas. Ele lhes dá liberdade de escolha.

Não se distancie das pessoas. Quando estamos magoados, a tendência natural é nos afastarmos dos que nos ferem. Não importa quão dolorosa seja a situação, busque as pessoas e gaste tempo com elas. Se você se afastar – tanto no sentido físico ou emocional –, aumentará o desentendimento e porá mais combustível no fogo do conflito. Você tem de permanecer engajado. Você deve estar presente, e essa presença não pode ser ansiosa, se é que deseja curar-se.

Não tente tornar as pessoas iguais a você. Nós, pastores, somos motivados pelo desejo de que as pessoas sejam iguais a nós. Isso é compreensível, mas não é o melhor. Devemos estar mais preocupados com o bem das pessoas à quais servimos do que com a semelhança delas conosco. Deus não nos chamou para preencher todas as necessidades das pessoas, mas para torná-las seguidoras de Cristo.

Não manipule. Manipulação significa tentar levar pessoas a fazer alguma coisa que elas não querem fazer. Não raro, fazemos isso arranjando as circunstâncias de modo que elas não tenham escolha, a não ser fazer o que desejamos. Geralmente, isso acontece nos bastidores.

Não vacile. Sua hesitação causa ansiedade em outras pessoas. Um velho adágio, entre carpinteiros, diz o seguinte: “Meça duas vezes; corte uma vez.” Com muito cuidado, reflexão e oração, decida o que fazer. Então, faça-o, sem hesitar. Líderes que fazem as coisas sabendo o que estão fazendo acalmam a ansiedade e reduzem as tensões.

Não polarize nem permita polarização. Não alicie adeptos; não exclua pessoas que discordem de você. Não coloque seus liderados em campos opostos, nem permita que isso seja feito. Quando existe polarização, as pessoas ficam obrigadas a defender suas posições. É muito fácil transformar uma discordância em algo como “nós *versus* eles”. Quando isso acontece, a razão foge pela janela. A tensão aumenta e o conflito sobe a escala ascendente.

Não forme triângulo. Um triângulo acontece quando você entra no conflito entre duas pessoas, entre dois grupos, ou entre duas idéias opostas. Dois membros da igreja em conflito

relatam a você, cada um, a visão deles sobre a questão em pauta, esperando que você tome partido. Não aceite compor o triângulo, nem dê ouvidos a fofocas de um sobre o outro.

Não tente socorrer toda vez que alguém tiver um problema. Sempre que vemos alguém em apuros, mesmo que esteja colhendo conseqüências dos próprios erros, queremos socorrê-lo. Em muitos casos, as pessoas são mais resilientes do que acreditamos que sejam. Nem sempre necessitam ser socorridas, podendo administrar a situação e crescer a partir da experiência vivida. Ao lado disso, nosso esforço para socorrer impede que venham à tona questões reais que, assim, nunca serão administradas.

O QUE FAZER

Partilhe sua visão. Fale às pessoas a respeito de seus sonhos, quais metas você tem para a igreja e seus membros. Pinte um quadro convincente a respeito de um futuro melhor. Em vez de responder ataques ou críticas, diga o que, e onde, você está tentando fazer.

Conserve-se otimista. Você pode avançar através de seus problemas, porque Deus está ao seu lado. Ele é fiel e não vai abandoná-lo. Continua sendo sua Rocha e Fortaleza, sua Torre segura. As pessoas que se opõem a você não são más nem são o demônio. Elas apenas têm um ponto de vista diferente do seu.

Mantenha o senso de humor. Tente encontrar alguma coisa divertida, mesmo em situações difíceis.

Capacite as pessoas. Ajude seus liderados, incluindo os oponentes, a dizer o que querem dizer. Expresse sua confiança neles, a fim de facilitar o tratamento da crise.

Permaneça conectado. Mantenha-se unido a todos, especialmente aqueles que despertam as reações mais desagradáveis em você. Não os evite. Trabalhe no sentido de criar um relacionamento ainda mais forte com eles.

Discorde com diplomacia. Seja sempre polido e respeitoso. Quando perceber que suas emoções estão à flor da pele, faça uma pausa e conte até dez.

Controle o timon e conserve o barco na rota. Não comece a navegar em toda direção, tentando agradar a todo mundo. Ouça cuidadosamente cada parte. Porém, isso não significa que você fará necessariamente o que seus críticos desejam que você faça.

Gerencie o triângulo. A regra básica

para manejar triângulos é conseguir que as pessoas ou grupos nos outros dois vértices tratem diretamente entre si da questão conflitante, em vez de fazer isso por seu intermédio. Como? Recusando-se a guardar segredos que cada um conta sobre o outro. Abra portas e janelas; deixe entrar tanta luz e ar quanto for possível. Nada de reuniões e conversas privativas. Nada de segredos.

Mantenha sintonia com Deus. Situações de conflito deveriam motivá-lo a manter-se de joelhos. É aí que Deus Se torna seu verdadeiro refúgio e fortaleza. Fique sintonizado; ore. Ouça Sua voz. Caso Ele o convide a se arrepender de algo que fez ou disse, arrependa-se e acerte-se com Ele. Se necessitar desculpar-se com alguém, pelo que fez ou disse, faça isso; porém, esteja seguro de que não está querendo apenas agradar a essa pessoa.

Seja aberto e direto. Agendas misteriosas, escondidas, criam problemas. Diga o que você pensa e pense o que você diz. Paulo falou do benefício mútuo, para quem diz e para quem ouve, de se falar “a verdade em amor”, e como esse hábito nos ajuda a crescer em Cristo (Efés. 4:15).

Estabeleça limites bem claros. Conheça bem seu espaço, quais assuntos lhe são pertinentes e quais não são. Pense em sua vida como sendo sua propriedade. Há uma linha que separa seu terreno do terreno do vizinho. O que estiver do seu lado é seu; o que estiver do outro lado é dele. Determine para si mesmo, pela graça de Deus, como sentir. E deixe que o Espírito Santo faça o mesmo pelos que o rodeiam.

CONTROLE NECESSÁRIO

Administrar conflito não é coisa fácil. Todos nós possuímos temores secretos. Quando alguém aciona nosso “interruptor”, reagimos, porque certamente um desses temores está sendo atingido. Quando isso acontece, ficamos assustados, entramos em pânico, e começamos a agir defensivamente. Nosso corpo se agita; nosso coração acelera, as pupilas dilatam-se. O sangue toma o rumo dos nossos músculos, saindo dos órgãos internos, e deixamos de ser racionais. Isso acontece a toda pessoa, em alguma extensão. A boanova é que temos tempo entre o estímulo e a resposta. Então, podemos usar esse tempo para escolher uma resposta diferente daquela que poderia vir naturalmente. ☐

PASSO A PASSO COM DANIEL



Joel N. Musvosvi

Deão do Seminário
Teológico Adventista,
Filipinas

*A mensagem
de esperança
contida em
um dos mais
fascinantes
livros da
Bíblia*

O livro de Daniel contém narrativas dramáticas, que têm apelado a todas as gerações de estudantes das Escrituras. O autor retrata o grande conflito entre Deus e Satanás, revelando sua exteriorização em uma moldura político-religiosa que vai do exílio babilônico até à segunda vinda de Cristo, com uma perspectiva mais ampla que seu próprio contexto histórico.

A fé dos quatro jovens hebreus fala aos filhos de Deus em tempos de crise. A história de Daniel na cova dos leões inspira fé. A loucura de Nabucodonosor desafia o estilo presunçoso de vida e ajuda a resgatar a fé no verdadeiro Deus. Como bem observou Tremper Longman, “os primeiros seis capítulos são simples histórias de fé exercida sob pressão”.¹ Porém, sob essas narrativas, reside uma mensagem profunda. Os últimos seis capítulos, saturados de ricos simbolismos, têm acenado à imaginação de pesquisadores através da História.

O jovem Daniel, levado ao exílio durante o primeiro cerco de Jerusalém por Nabucodonosor II, rei de Babilônia, em 605 a. C., foi escolhido com outros três jovens a fim de serem treinados para o serviço real. Daniel prosperou, tornando-se um destacado estadista.

NATUREZA APOCALÍPTICA

O livro de Daniel desempenha um importante papel no desenvolvimento da “literatura apocalíptica”. D. S. Russel o considera “o primeiro e maior, entre todos os escritos apocalípticos judaicos”,² embora P. D. Hanson, fundamentado em sua análise de Isaías, argumente em favor da presença do estilo apocalíptico em livros escritos antes de Daniel.³

A palavra “apocalíptico” origina-se do termo grego *apocalypsis*, encontrado no verso de abertura do Apocalipse, e tornou-se um nome adequado à literatura que partilha certas características especiais. Embora Daniel tenha sido o primeiro livro bíblico a desenvolver um extensivo uso de características apocalípticas, o Apocalipse foi o primeiro a dar nome a esse gênero de literatura. Ainda segundo as palavras de Tremper Longman, “Apocalipse... comunica um iminente senso de juízo, um sentimento de que a existência pode ter um fim a qualquer momento”.⁴

D. S. Russel define como essencialmente apocalíptica “a literatura do oprimido que não vê esperança para a nação simplesmente em termos políticos ou no plano da história humana. A batalha que eles travavam era espiritual; deveria ser compreendida não em termos de política e economia, mas em termos de poderes espirituais nos lugares celestiais. Assim, eram compelidos a olhar além da História, para a intervenção dramática e miraculosa de Deus”.⁵

SEÇÕES DIFERENTES

O livro de Daniel foi escrito no contexto da crise do povo de Deus em Babilônia. Jerusalém estava em ruínas, e Judá fora devastada. Com o templo destruído, por que razão deveria alguém querer viver? Como poderia o povo de Deus encontrar o sentido de sua

identidade? Daniel procurou levar conforto e ânimo àqueles que se encontravam nesse estado de angústia. Não sendo escrito primariamente como um tratado teológico para eruditos experientes, Daniel busca falar, primeiro e acima de tudo, ao coração. E, embora possamos travar renhida luta com a complexidade simbólica do documento, não devemos perder de vista nem passar por alto a mensagem divina, transmissora de confiança, segurança e esperança.

Conforme já foi visto, a primeira seção do livro cobre os capítulos 1 a 6; a segunda, os capítulos 7 a 12. Desde que a primeira seção abarca, em sua maior parte, eventos históricos do passado, relatados no tempo do escritor, podemos chamá-la de seção histórica. Considerando que a segunda metade compreende predições proféticas, que ainda deverão ser plenamente cumpridas, podemos identificá-la como seção profética ou escatológica.

Existem alguns contrastes distintos entre as duas seções. O agrupamento de eventos em duas seções não parece ser feito por acaso ou arranjo fortuito dos eventos. Na verdade, está claro que o autor não seguiu apenas uma ordem cronológica de acontecimentos. O guia dominante parece ter sido estilístico e estrutural. Ele colocou na seção histórica um grupo de ocorrências que partilhavam certas características comuns, enquanto os acontecimentos com diferentes características foram agrupados na seção profética. Uma vez que o autor estabeleceu as duas seções básicas e reuniu seu material de acordo com a categoria estilística, segue, então, em cada seção uma seqüência cronológica.

SEQÜÊNCIA DE EVENTOS

Daniel 5 provê uma importante cronologia para compreensão da seqüência dos eventos relatados no livro. Esse capítulo registra a queda de Babilônia durante os dias de seu último rei, Belsazar, e entrada em cena do Império medo-Persa. O banquete de Belsazar teve lugar no décimo ano do seu reinado. Tendo em mente essa cronologia, notamos que certos eventos relatados na seção profética do livro (capítulos 7 a 12) realmente aconteceram antes das ocorrências descritas no capítulo 5. É digno de nota que a visão registrada no capítulo 7 ocorreu no primeiro ano do reinado de Belsazar (Dan. 7:1), antes da queda de Babilônia.

Os eventos do capítulo 9 ocorreram

no primeiro ano do reinado de Dario (Dan. 9:1 e 2), antes do episódio de Daniel na cova dos leões, conforme registro do capítulo 6. Portanto, o agrupamento de materiais no livro tem sido determinado por outras considerações, além da mera cronologia. E nós devemos descobrir essas considerações, à medida que buscarmos descortinar o enredo central e a mensagem do livro.

CONTRASTANDO CARACTERÍSTICAS

Diferentes características estruturais e de estilo separam as duas seções do livro (ver box).

Capítulos 1-6

- Escrito largamente em aramaico.
- Escrito em estilo simples.
- Contém histórias completas e curtas.
- Lances dramáticos em um contexto local.
- Pequeno remanescente afetado por crise.
- O adversário do remanescente é local.
- Relatos dramáticos de eventos passados.
- Imaginada vindicação divina.

Capítulos 7-12

- Escrito largamente em hebraico.
- Escrito em estilo simbólico.
- Contém profecias longas e em desdobramento.
- Lances dramáticos em um contexto cósmico.
- Remanescente cósmico enfrentando a crise.
- O adversário do remanescente é cósmico.
- Apresentação dramática de eventos futuros.
- Prometida vindicação divina.

Daniel, um mestre na interpretação de sonhos e manuscritos no segmento histórico, experimenta constante instabilidade por causa de seus sonhos, na seção escatológica do seu livro. O homem que deixou perplexos os sábios de Babilônia, ao levá-los à compreensão do sonho de Nabucodonosor (Dan. 2), parece agora perplexo, diante de suas visões, e necessitando da ajuda de Gabriel, o intérprete angélico, a fim de obter esclarecimento do que lhe foi mostrado.

É interessante notar que os primeiros seis capítulos retratam uma série de crises que já tinham sido resolvidas no tempo em que o livro foi escrito. O leitor não é confundido quanto ao desfecho da história: cada uma delas é completa. E en-

quanto lemos o relato, verificamos como Deus entra em cena e dirige as crises do Seu povo para um fim vitorioso.

Ao contrário disso, os últimos seis capítulos apresentam uma série de megadramas em desenvolvimento. Enquanto uma visão leva à seguinte, o senso de confusão é intensificado. Depois da visão do capítulo 7, Daniel diz: “Quanto a mim, Daniel, o meu espírito foi alarmado dentro em mim, e as visões da minha cabeça me perturbaram” (Dan. 7:15). Tendo recebido a visão do capítulo 8, Daniel ficou temeroso, prostrou-se “com o rosto em terra” e desmaiou, enquanto o anjo tentava ajudá-lo a compreender a visão (Dan. 8:16-18).

Posteriormente, o profeta enfraqueceu e adoeceu, como resultado da experiência da visão (Dan. 8:27). O capítulo 10 relata o abatimento e o jejum de Daniel, por três semanas, enquanto ele contemplava as visões. No fim do capítulo 12, ele diz: “Eu ouvi, porém, não entendi; então eu disse: Meu Senhor, qual será o fim dessas coisas? Ele respondeu: Vai, Daniel, porque estas palavras estão encerradas e seladas até ao tempo do fim” (Dan. 12:8 e 9). Sem nenhum sinal de alívio expressado depois da segunda seção, os leitores deveriam esperar a intervenção final de Deus.

UNIDADE DA SEGUNDA SEÇÃO

Devido às características diferentes das duas seções do livro, alguns eruditos têm argumentado em favor de uma autoria dupla. Sugerem que a seção histórica foi escrita por um autor, e a seção profética, por outro autor. Entretanto, algumas conexões unem essas duas seções, favorecendo, assim, uma autoria única. Por exemplo, a linguagem das duas seções é entrelaçada. Os textos de Daniel 1:1-2:4 e 8:1-12 e 13 foram escritos em hebraico, enquanto Daniel 2:4-7:28, em aramaico. A seção histórica começa em hebraico e termina em aramaico, enquanto a seção escatológica começa em aramaico e termina em hebraico.

Por que deveria o autor da seção histórica utilizar dois idiomas para seu documento, e por que deveria o autor da seção escatológica usar os mesmos dois idiomas, em ordem reversa, para seu documento? Creio que o conceito de dois autores não trata das questões fundamentais do livro. Arthur Ferch demonstrou alguns traços unificadores que ligam as duas partes. Por exemplo, a soberania de Deus e a arrogância do inimigo juntamente com a passividade dos santos argumentam em favor da unidade do livro.⁶

CRISES DRAMÁTICAS

Conforme notamos, a seção histórica do livro de Daniel contém seis episódios curtos, cada um dos quais é completo em si mesmo. Cada história inclui uma série de ocorrências que eventualmente precipitam uma crise envolvendo o remanescente; o fiel povo de Deus. Daniel 1 introduz a crise de estilo de vida para esse povo. Iriam os filhos de Deus se comprometer com Babilônia, quanto ao que comer ou beber, ou exaltariam a Palavra de Deus? O segundo capítulo apresenta a crise de sabedoria e conhecimento. Em Babilônia, esses dois aspectos da vida eram altamente considerados. Prevaleceriam a sabedoria e o conhecimento humanos, ou o povo remanescente honraria a Deus, voltando-se para Ele e apontando-O como verdadeira fonte de conhecimento e sabedoria?

Daniel 3 retrata a crise de adoração. Adoraria o remanescente a imagem de Babilônia, ou adoraria e serviria a Deus? O capítulo 4 realça a crise de soberania. Iria Nabucodonosor exaltar sua própria habilidade para ser, pensar e fazer, ou reconheceria ele a soberania de Deus? Daniel 5 relata a crise de percepção e compreensão. Finalmente, Daniel 6 chega ao clímax com a crise de integridade. Cada crise tem como centro o remanescente fiel, focalizando a atenção sobre seu Deus. O Senhor soluciona cada crise em favor dos santos. Desse modo, a soberania divina prossegue controlando e organizando o tema deste livro.

DESÍGNIO TEOLÓGICO

Daniel permanece como um farol iluminando um mundo envolvido em trevas cada vez mais profundas, controlado por déspotas estúpidos e desumanas coalizões do mal. Ellen White afirma: “Nos anais da história humana, o desenvolvimento das nações, o nascimento e queda dos impérios, aparecem como que dependendo da vontade e proeza do homem; a configuração dos acontecimentos parece determinada em grande medida pelo seu poder, ambição ou capricho. Mas na Palavra de Deus a cortina é afastada, e podemos ver acima, para trás e pelos lados as partidas e contrapartidas do interesse, poder e paixões humanos – os agentes do Todo-misericordioso – executando paciente e silenciosamente os conselhos de Sua própria vontade.”⁷

Os primeiros seis capítulos de Daniel são uma galeria de seis dramas microcósmicos, através dos quais a intervenção divina e a vindicação dos santos emer-

gem como testemunho aberto do poder do Deus dos Céus. Em primeiro lugar, eles servem para apresentar o profeta Daniel e autenticar sua integridade profética. Ao apresentar uma série de histórias nas quais o profeta demonstra sua integridade pessoal, seu compromisso espiritual e habilidade para entender mistérios, também são estabelecidas suas credenciais proféticas.⁸

Em segundo lugar, esses primeiros seis capítulos preparam o leitor para as crises dos últimos seis capítulos. Somente aqueles que têm lido com sabedoria e discernimento os capítulos um a seis mantêm a confiança através dos capítulos sete a doze. A pergunta central de cada um dos seis primeiros capítulos é: “Podemos nós contar com Deus nas grandes questões da vida?” A certeza da resposta prepara teológica e espiritualmente o caminho para o desenvolvimento mais amplo dos dramas dos últimos seis capítulos. O leitor do tempo do fim, que deve en-

“Ser o remanescente é fruto da graça de Deus, não da conquista humana”

frentar as incertezas de viver sob a ameaça dos inimigos cósmicos terá seis garantias prévias da fidelidade de Deus para com o remanescente. Temos base para segurança e confiança, ao nos movermos entre as crises maiores do tempo do fim.

SIGNIFICADO E RELEVÂNCIA

Tempos apocalípticos frequentemente suscitam perplexidade sobre o sofrimento dos que temem a Deus. Os santos se perguntam por que eles sofrem; encontram-se perplexos, porque Deus parece tão distante de sua presente situação. Essas não são questões novas, dos tempos modernos. Os santos em Babilônia também as enfrentaram.

Uma das funções da literatura apocalíptica é lembrar ao remanescente o seu lugar único e especial no plano de Deus. Rodeado pelo inimigo, ele pode correr o perigo de relegar-se a si mesmo, sua função e significado, ao papel de personagem insignificante, menor, no drama local. Porém, os escritos apocalípticos o faz lem-

brar que ele desempenha papel fundamental no drama cósmico.

Desde seus primórdios, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem visto a si mesma como um movimento apocalíptico, imerso na atenção e divulgação mundial de uma mensagem apocalíptica. Muitas coisas que afirmam nossa identidade são encontradas nos livros apocalípticos da Bíblia. Essa autocompreensão caracteriza nossa mensagem e nossa missão. Quando ela é removida do centro, o adventismo começa a sofrer uma crise de identidade que ameaça nosso lugar e destino únicos. Algumas vezes, sentimos que o fato de nos identificarmos como o remanescente parece uma reivindicação arrogante de superioridade em relação a outros. Porém, o remanescente tem um papel profético a desempenhar, e não pode ser deixado de lado em nome da modéstia.

Ser o remanescente é fruto da graça de Deus, não da conquista humana. O conceito bíblico de remanescente aponta os feitos de Deus: “Se o Senhor dos Exércitos não nos tivesse deixado alguns sobreviventes, já nos teríamos tornado como Sodoma e semelhantes a Gomorra” (Isa. 1:9). É o Senhor quem estabelece o remanescente. Como Paulo expressa, “assim, pois, também agora, no tempo de hoje, sobrevive um remanescente segundo a eleição da graça. E, se é pela graça, já não é pelas obras; do contrário, a graça já não é graça” (Rom. 11:5 e 6). Assim sendo, a correta compreensão do conceito de remanescente da graça não leva ao orgulho, mas à humildade.

Em Daniel, o remanescente demonstra atitude de humildade e confiante dependência de Deus. Os fiéis de Deus não se gloriam em seu *status*, mas, humildemente, glorificam e honram o Altíssimo. Daniel fala à igreja de hoje, desafiando o remanescente a viver triunfantemente pela graça de Deus. ❖

Referências:

1. Temper Longmann III, *The NIV Application Commentary: Daniel* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1999), pág. 19.
2. D. S. Russel, *The Method and Message of Jewish Apocalyptic* (Filadélfia: True Westminster Press, 1964), pág. 16.
3. P. D. Hanson, *The Dawn Apocalyptic* (Filadélfia: Fortress Press, 1975).
4. Temper Longmann, *Op. Cit.*, pág. 177.
5. D. S. Russel, *Op. Cit.*, págs. 17 e 18.
6. Arthur J. Ferch, *Daniel on Solid Ground* (Hagerstown, MC: Review and Herald, 1988), págs. 33-36.
7. Ellen G. White, *Profetas e Reis*, págs. 499 e 500.
8. Temper Longman, *Op. Cit.*, pág. 23.

RECADO AOS PREGADORES



Robert R. Hostetler

Pastor em Oxford,
Ohio, Estados Unidos

Dez
benefícios
que os
ouvintes
querem
receber
durante o
sermão

Em uma ousada e controversa decisão, Mel Gibson filmou *A Paixão de Cristo* em latim, o idioma de Pilatos e dos soldados romanos que crucificaram Jesus, e em aramaico, o idioma falado por Cristo e Seus discípulos. Ele pretendia que o filme fosse visto sem legendas, combinando, assim, a mídia moderna com idiomas quase não falados nem compreendidos por mais ninguém. Contudo, na época em que o filme foi liberado, Gibson mudou de idéia e acrescentou legendas.

Essa decisão é estranhamente reflexiva de um dos dilemas enfrentados pelos pregadores atualmente. Não raro, as igrejas contam a velha história do amor de Deus em uma linguagem (música, terminologia, símbolos, etc.) que somente os crentes compreendem, deixando na escuridão os recém-convertidos ou não crentes. Em contraste, igrejas missionárias direcionam seu foco para um grupo diferente: pessoas que estão desejosas de ouvir a bela e velha história, mas não falam necessariamente o “igrejês” tradicional.

Algumas igrejas tentam construir uma ponte que une essas duas formas de agir, como que providenciando legendas, para poder falar e interpretar o que deseja dizer aos recém-convertidos e não crentes. É interessante notar que o sermão pode ser essa ponte, ou uma delas, porque, no fim de tudo, tanto crentes como não crentes buscam as mesmas coisas no sermão. Quais são essas coisas? No meu modo de ver, existem dez elementos básicos que os ouvintes querem ouvir em um sermão. Aqui estão eles:

Prenda minha atenção, tão logo você comece a falar. Os grandes pregadores do passado sabiam como se ligar muito rapidamente com a audiência. Porém, muitos pregadores modernos, mesmo aqueles considerados bons, tendem a começar a mensagem com frases “clichês” como, por exemplo: “Vamos abrir nossa Bíblia no livro de...” Isso nem sempre funciona, no sentido de captar a atenção. Você tem muitos modos de alcançar esse objetivo: uma declaração forte, dramática mesmo; uma pergunta, uma história, um *clip*, entre outras opções. O certo é que, nesse momento, o pregador não deve dar aos ouvintes outra opção a não ser parar e ouvi-lo.

Ensine-me alguma coisa que eu ainda não saiba. Ao preparar o sermão, pergunte-se: “Se eu fosse ouvir esta mensagem, que parte dela, que pontos eu seria compelido a escrever de modo que nunca mais esquecesse?” Se a resposta for “nenhum”, comece tudo de novo. Todo ouvinte quer descobrir novas informações, novas abordagens, novos vislumbres e novas perspectivas.

Fale-me o que Deus diz, não sua própria opinião. Todo ouvinte, convertido ou não convertido, está muito mais interessado em ouvir o que a Palavra de Deus tem a dizer, e não o que o pregador pensa a respeito de determinado assunto. Os bons sermões, independentemente do público-alvo, fundamentam-se na Bíblia e deixam que ela fale.

Não me faça sentir que sou néscio, só porque não conheço a Bíblia tão bem quanto você. Muitas pessoas, quer sejam membros ou interessados, não usam a Bíblia durante o culto. Elas se sentem embaraçadas com sua incapacidade para encontrar livros como os de Rute ou Ageu em poucos segundos. Por essa razão, em minha igreja, sempre que mencionamos um texto durante o sermão, nós projetamos na tela o índice dos livros da Bíblia, destacamos o livro em pauta e dizemos algo como: “Rute é o oitavo livro da Bíblia, e encontra-se na página tal...”, conforme a versão que providenciamos para uso dos presentes.

Deixe-me gostar de você; ajude-me a conhecê-lo um pouco mais. Todo orador deveria ser encorajado a aproveitar a oportunidade da introdução de sua fala, para dar aos ouvintes algumas informações sobre sua vida e personalidade. Não se trata de autopromoção nem apresentação de currículo. É justamente o contrário. Funcionará muito melhor se o que for mencionado revelar que ele é um ser humano normal; semelhança com o povo, simplicidade e simpatia.

Faça-me sorrir. O púlpito não é um picadeiro, mas também não é um túmulo. Portanto, o pregador não deve ser um *iceberg*. Nem todo mundo sabe contar uma história engraçada, mas esse não é o único modo – e talvez não seja o melhor – de injetar graça no sermão. Observações cândidas sobre nossas tolices são algumas das formas efetivas de colocar um pouco de humor no sermão.

Mostre que você me compreende. Uma das mais cruciais e primeiras tarefas de todo pregador é identificar-se com seus ouvintes. Em um sermão sobre “como sobreviver ao sofrimento”, iniciei dizendo o seguinte: “Algumas vezes um pregador morde mais do que ele pode mastigar”. E então, fui detalhando por que me sentia incapaz de falar a um grupo composto de pessoas que sofriam mais do que eu tinha sofrido: um empresário fracassara em seus negócios; um casal lutava com doenças debilitantes; uma mãe tinha perdido seu filho, e assim por diante.

Admissão sincera de nossas próprias lutas, ou breve demonstração de conhecimento sobre situações reais da vida, que outros estão enfrentando, é fundamental para nos identificarmos com nossos ouvintes.

Toque minhas emoções. Ouvintes, membros da igreja ou não, querem ser inspirados. Desejam que as cordas do seu coração sejam tocadas. E embora, particularmente os descrentes, estejam atentos quanto a qualquer tipo de manipulação, eles são ansiosos por um pregador que os ajude a não apenas pensar, mas também a sentir. Qualquer sermão que falhe em ligar mente e coração, provavelmente, causará desapontamento.

Satisfaça uma necessidade. A primeira pergunta que um escritor ou um pregador deve responder é: “Qual é o objetivo desta mensagem?” Se, como leitor ou ouvinte, eu não consigo identificar, desde o início, uma promessa de que terei o que desejo, imediatamente começarei a desviar minha atenção para qualquer outra coisa: algum evento esportivo, meus negócios, lazer com a família, e por aí adiante. Pior que isso, se eu identificar a promessa de algum benefício e ela não for cumprida, dificilmente voltarei para ouvi-lo na próxima semana.

Diga-me claramente como posso aplicar sua mensagem à minha vida, hoje e durante a próxima semana. Quando eu concluo um sermão, assumo que todos os meus ouvintes estejam interessados em seguir e fazer o que Deus lhes pediu durante a mensagem. Assim, além de fazer um apelo para entrega, oro com eles e coloco-me à disposição deles para aconselhamento posterior, tentando sugerir algumas formas de praticarem o que aprenderam. Às vezes, os encorajo a escrever uma declaração pessoal de missão, a qual possam ter consigo durante a semana; ou enviar um cartão postal a alguém, convidando-o para ir à igreja.

A pregação não é muito diferente, para crentes ou interessados. É verdade que temos alguma liberdade em relação aos membros batizados. Talvez, ainda tenhamos alguns tabus com os que estão chegando. Porém, os dois grupos buscam essencialmente as mesmas coisas, ao ouvirem um sermão. Nenhuma dessas coisas é nova, mas precisamos aplicar todas elas à mensagem que pregamos. ◻

EM NOSSA IGREJA, TREINAMOS NOSSOS PREGADORES A AVALIAREM O SERMÃO, COM BASE NESTES CRITÉRIOS:

- Prendo a atenção dos ouvintes tão logo começo a falar?
- Começo onde as pessoas estão, levando em conta sua cultura, seus problemas e necessidades?
- Estou ensinando o que os ouvintes ainda não sabem?
- Comunico o que Deus diz, em lugar das minhas opiniões pessoais?
- Costumo incluir palavras de boas-vindas aos ouvintes e digo algo apropriado a meu respeito, na introdução?
- Tenho oferecido uma explicação elementar do texto?
- Interajo com os ouvintes, mencionando-os pelo nome ou fazendo perguntas?
- Tenho colocado, em algum momento, uma pitada de humor no sermão?
- Mostro-me realista, em vez de superficial?
- Crêem meus ouvintes que eu, realmente, os compreendo?
- Tenho tocado as emoções dos ouvintes?
- Minha mensagem tem direção certa, no sentido de satisfazer necessidades?
- As soluções que proponho são realistas, relevantes e bíblicas?
- A estrutura da minha mensagem leva a uma conclusão e aplicação lógicas?
- Tenho deixado de abordar alguma coisa importante, crucial?
- Deixo claro como a mensagem pode ser aplicada no dia-a-dia?
- Faço apelos e coloco-me à disposição dos ouvintes para ajuda posterior?

A DIDÁTICA DA UNÇÃO



Davide Mozzato

Pastor adventista em
Florença, Itália

O Senhor
deseja que
incentivemos
o doente aflito
e desesperado
a contar
com Sua
força

Que ensinamento quer Deus nos transmitir através da prática da unção de enfermos (Tiago 5:14 e 15)? Passados mais de dois mil anos, ainda deveríamos continuar cumprindo esse ritual? Em caso afirmativo, por quê? Com o passar do tempo, essa cerimônia deixou de ser considerada *caelestis medicina* (cura celestial) de doenças para ser considerada um rito espiritual que deve ser praticado apenas em alguém prestes a morrer. Por quê?

Há, na Bíblia, diferença entre unção sagrada e mundana? O hebraico¹ usa basicamente dois verbos traduzidos como unção: *mashah* e *suk* (embora haja algumas referências à unção em que essas palavras não aparecem: II Crô. 16:14; Isa. 1:6; 61:3; Jer. 50:2; 51:8). No Antigo Testamento, esses dois verbos expressam dois aspectos diferentes da unção. *Mashah* aparece 130 vezes contra escassas 12 vezes de *suk*. Os dois termos expressam diferentes conotações, com apenas quatro exceções (II Sam. 1:21; Isa. 21:5; Jer. 22:14; Amós 6:6). *Mashah* sempre se refere às atividades rituais e formais, como uma inauguração, dedicação ou consagração. *Suk* diz respeito ao uso de unguento medicinal ou cosmético. O uso mais freqüente da raiz verbal *suk* está relacionado à aplicação de unguento ou loção corporal cosmética, usualmente após o banho (Êxo. 30:32; Juí. 3:24; Rute 3:3; II Sam. 12:20; 14:2; II Crôn. 28:15; Dan. 10:3). As referências de II Crônicas 28:15 e Ezequiel 16:9 sugerem um possível uso medicinal de loção.

Assim como no hebraico, no idioma grego existem dois termos distintos para unção: *Chrio/chrisma* e *aleifo*. No Novo Testamento, *chrio* ocorre apenas cinco vezes, e *chrisma* aparece somente três vezes, em I João 2:20; 2:27 (duas vezes). Os termos *chrio/chrisma* são usados metaforicamente para se referir à decisão do Espírito Santo, o que implica consagração. Em quatro ocorrências, a referência é à unção de Jesus por Deus o Pai (Luc. 4:18; Atos 4:27; 10:38; Heb. 1:9). O pano de fundo desses textos é, provavelmente, o batismo de Jesus, no qual Ele recebe simbolicamente a unção real e sacerdotal, que O constitui Cristo.

Na Septuaginta, o termo *aleifo*² normalmente é usado para traduzir o hebraico *suk* em seu sentido literal de aplicação de loção para cuidado corporal após o banho. Apenas ocasionalmente o termo é sinônimo de *chrio*, quando é usado para traduzir o hebraico *mashah* (unção com significado simbólico). São os casos de Gênesis 31:13, onde uma coluna é ungida, e Números 3:3, durante uma consagração sacerdotal.

No Novo Testamento, *aleifo* ocorre oito vezes, nos quatro evangelhos e na epístola de Tiago. Aqui o termo é usado exclusivamente para designar o ato físico de unguir pessoas com as seguintes finalidades: loção corporal (Mat. 6:17); sinal de hospitalidade (Luc. 7:38 e 46; João 11:2; 12:3); honrar o corpo de Jesus (Mar. 16:1); e cuidado de doente (Mar. 6:13; Tiago 5:14). H. Schlier levanta uma questão quanto à interpretação desses textos,³ ao dizer que, para compreendê-los, necessitamos analisar o significado dessa unção com propósito de cura, no helenismo e no judaísmo. Sua pesquisa apresenta evidência para o uso medicinal do óleo no judaísmo helenista para cura e alívio de incômodos como problemas das costas, distúrbios cutâneos, dor de cabeça, feridas e outros.

MEDICINA E MAGIA

Junto com a utilização medicinal, também usava-se óleo como remédio mágico, particularmente na prática de exorcismo. O mundo antigo estabelecera relacionamento entre doença e pecado.⁴ O conceito de doença estava diretamente associado à presença demoníaca. Isso esclarece o que existe por trás do uso do óleo no exorcismo. De acordo com Schlier, os valores medicinais e exorcistas do óleo são encontrados também na cristandade. Ele argumenta que os cristãos também atribuíram essa relação ao óleo santo, documentando suas palavras com referências a Tertuliano, Paládio, e uma citação de Atos de Tomé, na qual Jesus é solicitado a ungir pessoas endemoninhadas.

Sobre a base de considerações filoló-

gicas, podemos afirmar que a Bíblia geralmente distingue entre dois tipos de unção, ao usar termos distintos. No conceito de unção para consagração, os escritores bíblicos usam *mashah* e *chrio/chrisma*. Para propósitos terapêuticos, cosméticos e exorcistas, eles usam *suk* e *aleifo*. Tendo examinado a terminologia para unção, estamos prontos a desvendar o significado de Tiago 5:13-18.

COMPREENSÃO EXEGÉTICA

Parece-nos que há uma estrutura concêntrica em Tiago 5:13-18. Deveríamos estudar essa passagem no seguinte formato: versos 13, 17, 18; 14, 16 (últ. parte); 15 (prim. parte), 16 (seg. parte); 15 (últ. parte), 16 (prim. parte); 15 (seg. parte).

Verso 13: *Está alguém entre vós sofrendo? Faça oração. Está alguém alegre? Cante louvores.* 17: *Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos, e orou, com instância para que não chovesse sobre a terra, e, por três anos e seis meses, não choveu.* 18: *E orou, de novo, e o céu deu chuva, e a terra fez germinar seus frutos.*

Freqüentemente, Tiago se refere aos que sofrem (1:2, 12 e 14; 2:6 e 15; 3:14-16; 4:7; 5:6). Agora, no verso 13, ele faz referência a outra categoria de pessoas: aquelas que estão bem (*eutsumer*). O escritor da epístola convida alguns a orar e outros a cantar louvores (*psalleteo*), ou melhor, a tocar um instrumento de cordas.⁵ Oração e canto estão relacionados aos conceitos de sofrimento e alegria.⁶ Orar e cantar são demonstrações de uma fé perseverante, amadurecida, que compreende que o centro do cristianismo é viver no presente a promessa do que será plenamente realizado no futuro. “Ao termos orado pela restauração de um enfermo, seja qual for o desenlace do caso, não

percamos a fé em Deus.”⁷ Em Lucas 18:1 e em I Tess. 5:17, somos encorajados a perseverar em oração independentemente do que possa acontecer.

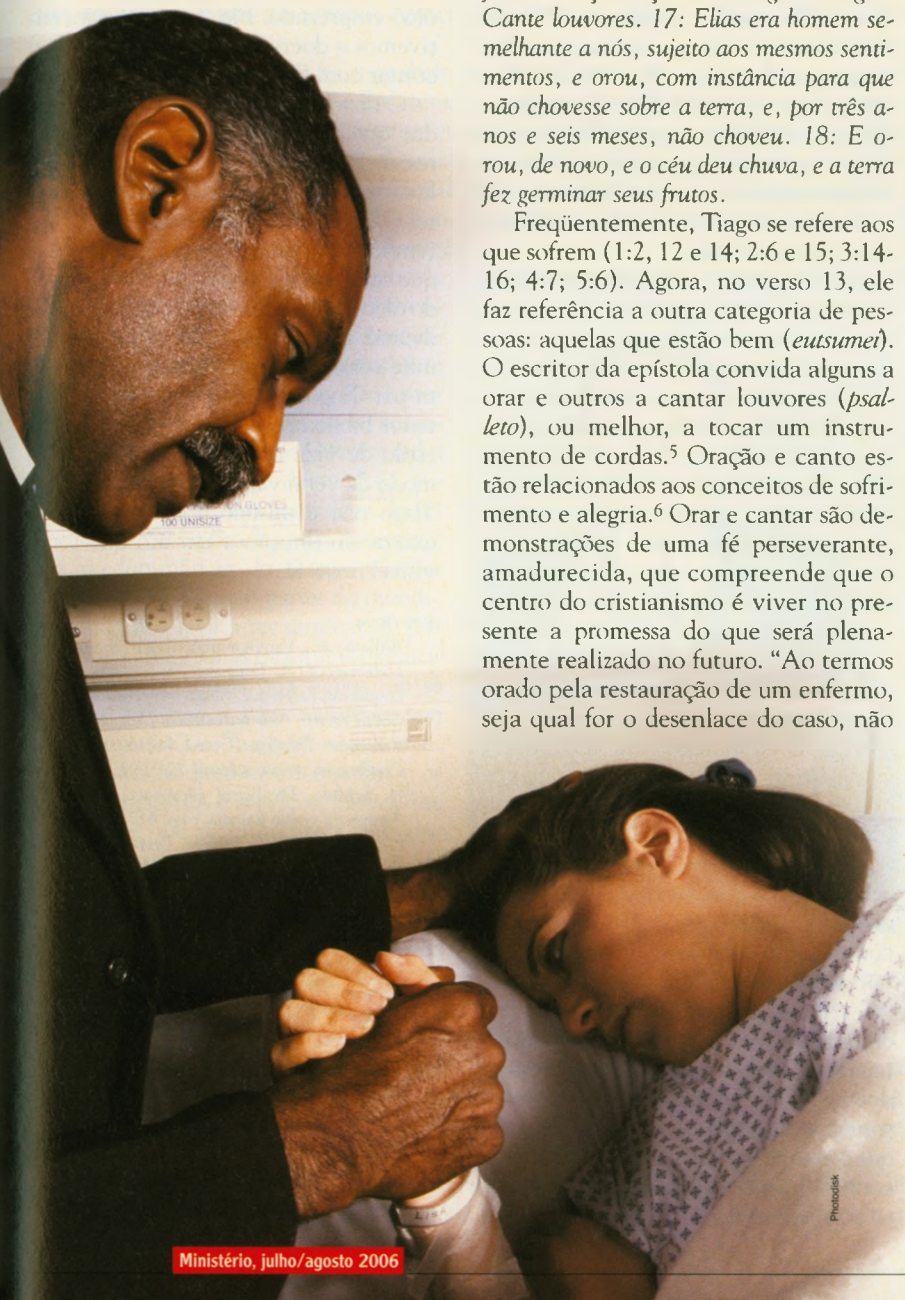
Elias é apresentado como modelo. Ele era humano como nós, capaz de ter depressão e alegria. Também era homem de oração. A declaração literal de que ele “orou com instância para que não chovesse” não é achada na passagem de I Reis. Como deveríamos compreender esse texto? Talvez a idéia seja esta: Quer estejamos tristes ou felizes, devemos orar zelosamente, como o fazendeiro espera os frutos, ou como a gestante espera o nascimento do bebê. Foi assim que Elias orou. Embora sofresse, vendo o estado de seu povo (I Reis 18:21 e 22), ele continuou orando e agindo, até que os israelitas professassem fé em Jeová (I Reis 18:39). Satisfeito com a resposta, o profeta não deixou de orar (v. 42), para que a fome cessasse e Israel se alegrasse. Em resposta, a chuva caiu.

Verso 14: *Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e estes façam oração sobre ele, ungiendo-o com óleo, em nome do Senhor.* 16 (últ. parte): *Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo.*

É o doente quem busca ajuda. Assim, o texto ensina uma ação da pessoa que está sofrendo e está consciente de seu estado. Estamos tratando aqui com alguém que está bem desperto quanto à sua condição, possibilidades de cura bem como dos riscos presentes. É claro que isso está em contraste com a prática de ungir alguém inconsciente no leito de morte. Tiago não está descrevendo esse tipo de situação.⁸

A pessoa que está doente deve chamar os anciãos (*presbíteros*) da igreja. Esse termo, sempre usado no plural no Novo Testamento, se refere àqueles que lideram igrejas locais. Eles tinham, e têm, um papel que herdaram do Antigo Testamento, onde os “anciãos” em muitos casos eram pessoas honradas e de influência, que exerciam função pública.⁹

O corpo de anciãos deve agir orando poderosamente. Ou seja, devem fazer oração poderosa e eficaz (*energoumene*); não apenas oração “fervorosa”. Os falsos profetas de Baal que enfrentaram Elias no Monte Carmelo não eram faltos de zelo e fervor. Se pensarmos apenas em oração “fervorosa”, entenderemos mal o texto e pensaremos que a eficácia da oração está relacionada à força da pessoa que a oferece. Tal com-



preensão também poderia nos levar a ver a oração como uma fórmula quase mágica. Na verdade, nossas orações deveriam ser de intercessão; não uma ordem exigindo respostas.

A oração dos anciãos é efetiva no sentido de que eles oram e ungem o doente (*aleipsantes*). O texto sugere uma ação energética em favor do enfermo necessitado de ajuda. O que é necessário é fé que opera por amor (Gál. 5:6). O uso do verbo *aleifo* leva-nos a pensar nos anciãos da igreja como um tipo de paramédicos, pronto a ministrar imediato cuidado, apoiados por fé operante e oração. Vimos anteriormente as qualidades terapêuticas, cosméticas e exorcistas atribuídas ao óleo. Quem deveria ser capaz de administrar tal remédio, se não as pessoas mais respeitadas na comunidade? Na verdade, um cristão jamais deveria ir a um médico pagão que invoque sobre si todo tipo de espírito para realizar cura.

Oração eficaz pode fazer muito, mas não tudo. Quando oramos pelo doente, deveríamos lembrar que não sabemos orar como convém (Rom. 8:26). Ao lado disso, deveríamos ter em mente que o inescrutável amor de Deus é infinitamente superior ao nosso.¹⁰

O justo é alguém justificado pela graça de Deus. Ele aceita orar pelo doente, confiante nas promessas divinas, a despeito das aparências. E continuará crenco no resultado de suas orações, porque ele sabe que nem todos receberão a cura. Esse fato, salientado por Ellen White, deveria eliminar completamente a idéia de que a ausência de cura deve ser atribuída ao doente ou à pessoa que ora em seu favor.¹¹

Em todo caso, o holofote deve sempre focalizar o Senhor. Orar em nome do Senhor significa reconhecer que a oração e o ato sucessivo, embora importantes, serão apenas um instrumento que certifica nossa cooperação com o divino e soberano Médico.

15 (prim. parte): *E a oração da fé salvará o enfermo...* 16 (seg. parte): *Orai uns pelos outros, para serdes curados.* Qual é o conceito de fé que Tiago tem em mente? Fé mística? Misteriosa? Podemos encontrar a resposta em outro texto de sua epístola – Tiago 2:15-26. Para o autor, fé é algo que opera através de alguém, não apenas que esse alguém possui (2:18). Fé e religião têm uma demonstração prática (2:27). Nosso desejo de compreender a frase

“a oração da fé salvará o enfermo” é satisfeito em Tiago 2:14, onde há uma construção idêntica: “Pode... semelhante fé salvá-lo?”

Essa questão está imersa no contexto do tratamento de fé prática. De acordo com Karl Barth, oração é aceitar o convite de Deus para participar em Sua obra e Seu governo.¹² Não devemos Lhe pedir que nos dê o que desejamos; devemos buscar compreender Seus planos e cumpri-los. Orar a Deus é um sinal importante de nossa aceitação dos Seus planos. Será Ele quem intervirá, de acordo com Sua vontade e Seus planos. É o Senhor, não a oração nem o óleo, que salva.

Tiago não usa o verbo “curar”, mas o verbo “salvar”, no tempo futuro (*sosei*). Esse verbo sempre aparece no Novo Testamento, em casos de recuperação milagrosa de saúde (Mat. 9:22; Mar. 6:56; Atos 3:7; 14:8-10). O contexto de cura no qual o encontramos e o fato de que curas milagrosas são parte de sua ordem semântica nos impedem de ver, aqui, uma referência à salvação futura, no retorno de Cristo.

15 (últ. parte): *se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados.* 16 (prim. parte): *Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros...* Os santos do Antigo Testamento deixavam suas enfermidades diante de Deus. A Ele ofereciam suas súplicas (Sal. 38). Era de Deus que recebiam cura (Sal. 6:4). De acordo com a experiência dos israelitas, a doença é ligada ao pecado e ao mal, de modo misterioso. Porém, a fidelidade e obediência a Deus produzem vida (Êxo. 15:26).

O mundo antigo relacionava doença e pecado. Não estamos discutindo aqui a questão do pecado como transgressão da lei como causa ou efeito. A Bíblia aceita essa conexão, pelo menos no sentido de que o mal é oposto ao plano original de Deus para os seres humanos. Assim, sofrimento e morte devem ser vistos como conseqüências do pecado (Gên. 3:16-19). Esse foi o contexto no qual Jesus viveu, embora não partilhasse dele (João 9:2).

A partícula condicional “se” (*kan*) elimina de uma vez por todas o relacionamento de casualidade entre pecado e doença. Para Tiago, pecados indicam transgressões isoladas, em particular as que geram morte (Tiago 1:15; 5:20).¹³ A confissão de pecados também possui efeito psicossomático. Preocupações sobre

nós mesmos enfraquecem-nos e aumentam as chances de doença. Se tivermos atitude positiva, confiante, nossas chances de melhora serão maiores. O aspecto psicossomático não deveria ser subestimado, embora até pouco tempo atrás se pensasse que era relevante apenas em males tais como úlceras.

15 (seg. parte): *e o Senhor o levantará.* Esse verso é crucial, embora não esteja no centro estrutural da passagem. Tudo o que está implícito nos outros versos é tornado explícito aqui. O doente está prostrado em seu leito; os anciãos oram em seu favor, e o Senhor o levanta. Ellen White escreve: “NEle há bálsamo curativo para toda doença, poder restaurador para toda enfermidade.”¹⁴ O poder da cura está no Senhor, não na oração, muito menos no óleo empregado. Ele deseja que incentivemos o doente aflito e desesperado a contar com Sua força.

O texto de Tiago enfatiza mais o Curador que os instrumentos usados para restabelecer o doente. O Senhor é Aquele sobre quem o holofote brilha nesse texto. O emprego do verbo *aleifo* pressupõe (embora não estabeleça explicitamente) que aqui temos a utilização não religiosa do óleo, ou seja, como simples loção medicinal. Essa breve investigação me permite ver com outros olhos a menção feita por Tiago dois mil anos atrás. O escritor bíblico parece promover mais um estilo de vida que um sacramento; um modo de ver a vida, mais que um ritual. Tiago não é místico. Ele nos anima e exorta em direção a um ato que torna visível nossa fé. ☛

Referências:

- ¹Willem A. VanGemeren, *New International Dictionary of Old Testament Theology and Exegesis*, Zondervan Reference, versão software 26/03/2001.
- ²Collin Brown, *New International Dictionary of New Testament Theology* (Grand Rapids: Zondervan Corporation, versão software 22/02/99).
- ³H. Schlier, *Theological Dictionary of the New Testament*, versão italiana, págs. 617-626.
- ⁴G. Boggio, *Schede Bibliche Pastorali* (Bologna: Dehoniane, 1989), págs. 3998-4008.
- ⁵Simon, *Une Ethique de la Sagesse* (Geneve: Labor et Fides, 1961), pág. 176.
- ⁶SDABC, vol. 7, pág. 540.
- ⁷Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, pág. 233.
- ⁸No verso 15, o autor relaciona a pessoa doente com a palavra *kamontta*, que significa, literalmente, “desanimado, desencorajado” (Heb. 12:3).
- ⁹Louis Simon, *Op. Cit.*, pág. 180.
- ¹⁰Ellen G. White, *Op. Cit.*, pág. 229.
- ¹¹*Ibidem*, pág. 230.
- ¹²Louis Simon, *Op. Cit.*, pág. 182.
- ¹³G. Boggio, *Op. Cit.*, pág. 4007.
- ¹⁴Ellen G. White, *Op. Cit.*, pág. 226.

Em pauta, a reforma organizacional da Igreja

A cidade de Loma Linda, Califórnia, nos Estados Unidos, foi o local escolhido para a realização do Concílio da Associação Geral da Igreja Adventista, no primeiro semestre deste ano. O evento aconteceu durante os dias 11 a 13 de abril, com a presença de líderes representando todas as regiões mundiais. A delegação brasileira foi composta pelo presidente da Divisão Sul-Americana, Pastor Ruy Nagel, juntamente com um representante das Uniões, Associações e Missões, pastores e membros leigos.

O ponto alto do concílio foi o estabelecimento de uma Comissão de Ministérios, Serviços e Estruturas, com a finalidade de analisar a estrutura da Igreja e apresentar propostas de reformulação, que priorizem a manutenção da unidade e a aceleração da missão evangelística. Em sua mensagem de abertura dos trabalhos dessa comissão, o Pastor Jan Paulsen, presidente da Associação Geral, apresentou o foco da discussão:

“A condição de globalização de nossa igreja; o crescimento rápido experimentado em algumas áreas, com suas necessidades para sustentá-la, e a estagnação ou falta de crescimento em áreas que historicamente têm provido recursos, acompanhada por expectativas diferenciadas por parte dos membros. Além disso, somos atingidos por uma variedade de regulamentações aplicadas pelo governo e pela predominância de outras religiões não cristãs em algumas partes do mundo. Tudo isso nos leva a reexaminar de forma crítica analítica as estruturas operacionais organizacionais que temos, ou se estamos preparados para mantê-las em tais circunstâncias. Também seria bom examinarmos as direções em que fluem os vários ministérios e serviços. Parece-me importante que reconheçamos que esse reexame é algo normal e necessários, de tempos em tempos.

“A grande questão que paira sobre o nosso trabalho como comissão é esta: As estruturas organizacionais que temos foram estabelecidas há mais de cem anos, quando nosso número de membros, em todo o mundo, era 75 mil, estávamos bastante espalhados e éramos quase que completamente dependentes dos recursos e idéias do mundo ocidental desenvolvido. Essa estrutura é adequada para avançarmos no século 21, com 25 ou 50 milhões de membros? Essa pergunta tem que ver principalmente com as estruturas organizacionais, mas também afeta os ministérios e departamentos, já que eles fluem das estruturas que temos.”

Formada por mais de 100 integrantes, de todo o mundo, a comissão trabalhará dentro de alguns pressupostos sobre os quais o líder mundial da Igreja teceu comentários dignos de reflexão por todos os que ocupam funções de liderança na Igreja.

UNIDADE

“Somos uma comunidade global, interligada e reciprocamente dependente. Esse foi e é o desígnio de Deus para nós. Mantemos em comum a nossa declaração de crenças fundamentais, compartilhamos um *Manual da Igreja* e compartilhamos em alta estima o dom profético de Deus, através dos escritos de Ellen G. White. Não somos uma igreja nacional, regional, nem uma espécie de irmandade desestruturada. Temos que manter nossa unidade. Jamais iremos organizar estruturas e serviços de modo a comprometer o plano de Deus para nós.”



Pastor Jan Paulsen, presidente da Associação Geral

MISSÃO

“Desde que Deus fez surgir este movimento, há cerca de 160 anos, sempre soubemos que temos uma missão global e que não podemos compartilhar com outros. Isso não significa que sejamos arrogantes ou exclusivistas, já que respeitamos e honramos as outras crenças cristãs que preservam o nome de Jesus Cristo e a Bíblia como Sua Palavra. Mas entendemos que foi para um determinado propósito que fomos constituídos nos últimos dias da história terrestre. Quaisquer estruturas que mantivermos e quaisquer ministérios e serviços que possamos oferecer precisam ser tais que colaborem para dar o máximo de eficácia a essa missão. Também mantemos que nenhum membro da comunidade da nossa igreja está isento de participar em nossa responsabilidade global.”

FLEXIBILIDADE ADMINISTRATIVA

“Pelo fato de que a unidade e a missão são fundamentais para sermos o que somos e para fazer o que fazemos, nenhuma estrutura organizacional no governo ou indústria pode servir de modelo para nós. Eles têm valores baseados na política e impulsionados pelo lucro – algumas vezes, pelo egoísmo e ganância excessivos. A Igreja, em contraste, tem uma filosofia baseada no serviço; estamos aqui para servir.

“Estruturas e lideranças precisam estar perto das pessoas, a fim de garantir que a atenção pastoral esteja presente e que

o crescimento obtido não aconteça sem acompanhamento. Em função da unidade e manutenção de algumas estruturas organizacionais, mesmo que seja simplificada e provisória, uma estrutura deve ser estabelecida, o que exigirá certa flexibilidade. Quando a liderança e os recursos financeiros forem adequados para o crescimento numérico de membros, será estabelecida uma estrutura mais permanente. Exigências têm sido feitas no sentido da simplificação e menos estruturas pesadas. O clamor por uma estrutura simplificada e sem duplicações precisa encontrar eco em normas de flexibilidade cuidadosamente definidas.”

COMUNICAÇÃO

“Sem boa comunicação, entre membros e liderança e desde a liderança em direção à base, o isolamento é inevitável. Isso resultaria em algo provinciano, onde a congregação local estaria primariamente ocupada consigo mesma e seu meio ambiente imediato, sem a visão da missão mundial. Apesar da importância do testemunho e serviços aos vizinhos, assumimos como Igreja uma missão internacional pela qual somos igualmente responsáveis. É preciso perguntar: As estruturas que temos atualmente são um obstáculo à comunicação? Ou existe alguma coisa que

pode ser reparada dentro das estruturas que temos, o que solucionaria as interrupções na comunicação? Como podemos, sem reestruturação radical, superar os obstáculos na comunicação e mantermos perante nossos membros ao redor do mundo uma visão da missão mundial?”

Quaisquer estruturas que mantivermos e quaisquer ministérios e serviços que possamos oferecer precisam ser tais que colaborem para dar o máximo de eficácia a essa missão

MINISTÉRIOS E SERVIÇOS

“A pergunta sobre onde e em quais níveis localizar os departamentos, ministérios e serviços é uma questão com a qual temos de confrontar de tempos em tempos. Nossa tradição é bem conhecida. Historicamente, esses departamentos têm sido estabelecidos em todos os níveis, desde a sede mundial até o Campo local. E idéias, valores e diretrizes tendem a fluir no sentido da mais alta organização para a subsidi-

ária. Essa é a maneira como temos trabalhado, durante décadas. Porém, o mundo e nosso papel nele têm mudado muito, especialmente nas últimas três décadas. O que, um dia no passado, já foi uma boa maneira de agir, pode não ser o modo mais adequado hoje. É preciso que nos perguntemos: O que é diferente agora? Perguntas sob a constituição e fluxo de ministérios departamentais precisam ser consideradas quando tivermos analisado a questão da organização.”

Um dos participantes da Comissão de Ministérios, Serviços e Estruturas é o Pastor Oliveiros Ferreira, presidente da Associação Paulista Central, Apac. Ele explica que “a Igreja mundial está sendo chamada para opinar e apresentar idéias sobre como podemos melhor nos adaptar aos desafios de nossa missão”.

Para o Dr. George Knight, professor de História do Adventismo na Universidade Andrews, reformas anteriores na Igreja Adventista, como no início do século 20, “custaram à denominação grande dose de energia. Mas os benefícios trazidos por elas compensaram em muito o tempo gasto e os problemas do caminho”. Restamos orar e esperar pelos resultados finais do trabalho da comissão, que serão apresentados na próxima assembleia mundial em Atlanta, no ano 2010.

Pregadores evangélicos participam de curso de oratória

Guilherme Silva — Jornalista da Associação Paulista Central



Pregadores e missionários de várias denominações religiosas participaram de um curso de oratória realizado nos dias 25 a 27 de abril, no auditório da Rádio Novo Tempo, em Nova Odessa, SP. O programa foi promovido pela Associação Ministerial e pelo Departamento de Comunicação da Associação Paulista Central, no contexto do Projeto *Preach*.

A programação foi realizada entre 17h e 20h e teve como palestrantes o Pastor Emilson Reis, professor da Faculdade Adventista de Teologia, em Engenheiro Coelho, e a fonoaudióloga Rúbia Sobral. No encerramento, os participantes receberam um exemplar da revista *Ministério*.

PREGAÇÃO E BÍBLIA

Em suas palestras, o pastor Emilson focalizou os prin-



Pastores Evangélicos participantes do curso de oratória em Nova Odessa, SP

de Faria, da Igreja Batista Vitória, em Nova Odessa, "o curso teve nível de faculdade e superou as expectativas". Joel Lopes, da Igreja Batista Lagoinha, concorda: "Foram lições muito úteis para a nossa realidade", afirmou. Joel é graduado em Teologia e Filosofia pelo Seminário Batista. O primeiro sargento da Polícia Militar, Reinaldo Sange, que é um dos líderes da Igreja Aliança, saía do plantão e ia direto para o curso. Para ele, o aprendizado para falar em público foi fundamental.

A coordenação do evento esteve sob a responsabilidade dos Pastores Emmanuel Guimarães, secretário ministerial, e Siloé Almeida, diretor de Comunicação da Apac, juntamente com o radialista Sebastião Claro de Farias, locutor da Novo Tempo. Novos cursos

estão sendo planejados para o futuro. Está em pauta, por sugestão dos próprios alunos, a realização de um seminário sobre Cristologia.

cipais métodos para uma pregação clara e eficaz da Palavra, destacando que o sermão está obrigatoriamente ligado ao ensino da Bíblia. "Pregar é abrir a Bíblia, explicar e aplicar a mensagem de Deus às pessoas", afirmou. "Sem a Bíblia, é possível fazer discurso, falação, porém não pregação."

Entre os participantes, estiveram presentes os Pastores Domingos Ferreira, Ricardo Luís Pratta e Edmilson Fernandes, líderes da Igreja Assembléia de Deus Ministério Belém, na região de Americana. De acordo com o Pastor Domingos, as palestras ajudaram a lembrar lições aprendidas no curso de Teologia. Já o missionário José Vilela e a esposa, Isabel, consideraram o aprendizado muito valioso para o dia-a-dia no trabalho da igreja.

ACIMA DAS EXPECTATIVAS

Para o Pastor Edival Roberto



Novos Oradores

Humor

SE ENTENDI CORRETAMENTE, A SENHORA DESEJA DOAR À SUA IGREJA, UM MILHÃO DE REAIS, NA ESPERANÇA DE QUE O PASTOR FINALMENTE VÁ VISITÁ-LA EM SUA CASA?





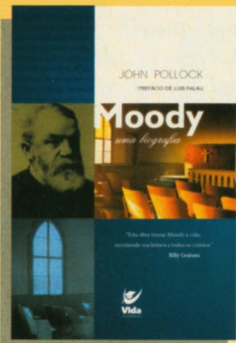
GRACA ILIMITADA

Dwight K. Nelson, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP; 112 páginas. Tel.: 0800-990606, sac@cpb.com.br.

Neste livro, o Pastor Dwight K. Nelson não teme ocupar-se com perguntas que brotam das diversas descrições bíblicas de Deus. Admitindo que muitos cristãos acham difícil concentrar-se nos retratos que o Antigo Testamento pinta de um Deus severo, Nelson habilidosamente guia o leitor através de textos que demonstram como Deus trabalha com as pessoas, usando meios que tocarão com mais eficácia o coração delas.

MOODY – UMA BIOGRAFIA

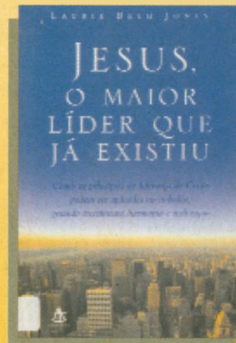
John Pollock, Editora Vida, São Paulo, SP; 414 páginas; tel.: (0xx11) 6618-7000, www.editoravida.com.br



Dwight Moody foi o evangelista de maior projeção do século 19. Calcula-se que ele tenha pregado para mais de cem milhões de pessoas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. Usado por Deus de maneira extraordinária, seu caráter e zelo continuam mais vivos que nunca. Nesta biografia, John Pollock conseguiu captar a personalidade contagiante de Moody e certamente incendiará o coração dos leitores.

JESUS, O MAIOR LÍDER QUE JÁ EXISTIU

Laurie Beth Jones, GMT Editores, Rio de Janeiro, RJ; 150 páginas; atendimento@sextante.com.br



A autora compara Jesus a um empresário que montou uma equipe composta de 12 indivíduos que estavam longe de serem perfeitos, mas conseguiu treiná-los e motivá-los para o cumprimento de sua missão com sucesso. Seu objetivo era construir, não destruir; educar, e não explorar; dar apoio e fortalecer, e não dominar.

VEJA NA INTERNET Atlas Bíblico

www.anova.org/sev/atlas/ – Nesse endereço, está disponibilizado um excelente atlas bíblico, com 132 mapas de ótima qualidade, cobrindo desde os impérios antigos, as regiões naturais da Palestina, o período bíblico de ocupação dos hebreus, o mundo do Novo Testamento, até à expansão do cristianismo no segundo e terceiro séculos. Esse mesmo atlas (no formato PDF) é oferecido para download num arquivo zipado de 20,8 MB, no link que fica no final da tela, no seguinte endereço: <http://www.anova.org/sev/>

Portanto, há duas possibilidades: consultar o atlas online ou baixar o conteúdo todo e poder utilizar o atlas, sem estar conectada à Internet. – Márcio Dias Guarda





Ranieri Sales

Secretário ministerial
associado da Divisão
Sul-Americana

O REFÚGIO DA COMUNHÃO

Nesta oportunidade, minha mensagem de coração a coração para você reflete uma preocupação que todo pastor deveria ter. Estou quase certo de que todos nós, pastores, estamos bem conscientes da importância de uma vida consagrada, de comunhão íntima com Deus, para um ministério bem-sucedido. Nesse pensamento, você não é exceção. Entretanto, quero lembrá-lo que o inimigo de nossas almas sabe disso; e, por isso, ele envida todos os esforços no sentido de impedir que o pastor seja um homem de oração.

Por um lado, se uma vida de comunhão com Deus nos assegura a vitória sobre a tentação e o pecado, por outro lado, a falta dessa comunhão, leva inevitavelmente à derrota e a um ministério sem resultados consistentes. Por essa razão, todos nós nos prevenimos contra os assaltos com que o inimigo nos surpreende. Assim, quase sempre estamos alerta contra as tentações.

Contudo, precisamos nos lembrar que os assaltos do inimigo sobre os pastores não acontecem apenas em forma de tentações. Ele sabe que uma pessoa em comunhão com Deus poderá resistir a qualquer tentação. Então, ele usa outra arma, bastante sutil, para destruir a vitalidade espiritual dos servos de Deus. Observe atentamente a seguinte declaração de Ellen G. White:

“Satanás está bem ciente de que a mais débil alma que permaneça em Cristo é mais que suficiente para competir com as hostes das trevas, e que, caso ele se revelasse abertamente, seria enfrentado e vencido.” – *O Grande Conflito*, pág. 530.

Que conforto, saber que a permanência em Cristo é uma barreira inexpugnável contra a tentação! Porém, o texto continua com uma séria informação: “Portanto, procura retirar das suas potentes fortificações os soldados da cruz” – *Ibidem*. E, no livro *Caminho a Cristo*, encontramos mais esta advertência: “É constante empenho de Satanás conservar a atenção desviada do Salvador, e evitar assim a união e comunhão da alma com Cristo.”

Se a tentação é uma ferramenta inútil, às vezes, para

atingir a alma que permanece em Cristo, o arquienganador lança mão das distrações. Qual é a diferença entre tentação e distração, neste contexto? É simples: a tentação está relacionada com a prática de pecado, comportamento reprovado pela Bíblia, transgressão e desobediência.

Por sua vez, as distrações não estão necessariamente relacionadas com coisas ruins, censuráveis ou pecaminosas. Contudo, são tão perigosas quanto as tentações, na medida em que consomem tempo, energia e vibração com as coisas de Deus. Você compreende? O adversário se ocupa a fim de nos distrair de nossa comunhão até que, por falta dela, nos tornamos vulneráveis às suas tentações.

Por essa razão, a Bíblia é muito insistente no aspecto da vigilância e da concentração nas coisas espirituais: “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação”, disse Jesus (Mat. 26:41). “Orai sem cessar”, asseverou o apóstolo Paulo (I Tess. 5:17). Uma vida cristã vitoriosa é uma experiência que resulta de darmos absoluta prioridade à comunhão com Deus. Do contrário, seremos facilmente distraídos por muitas atrações, atividades e circunstâncias que nos rodeiam.

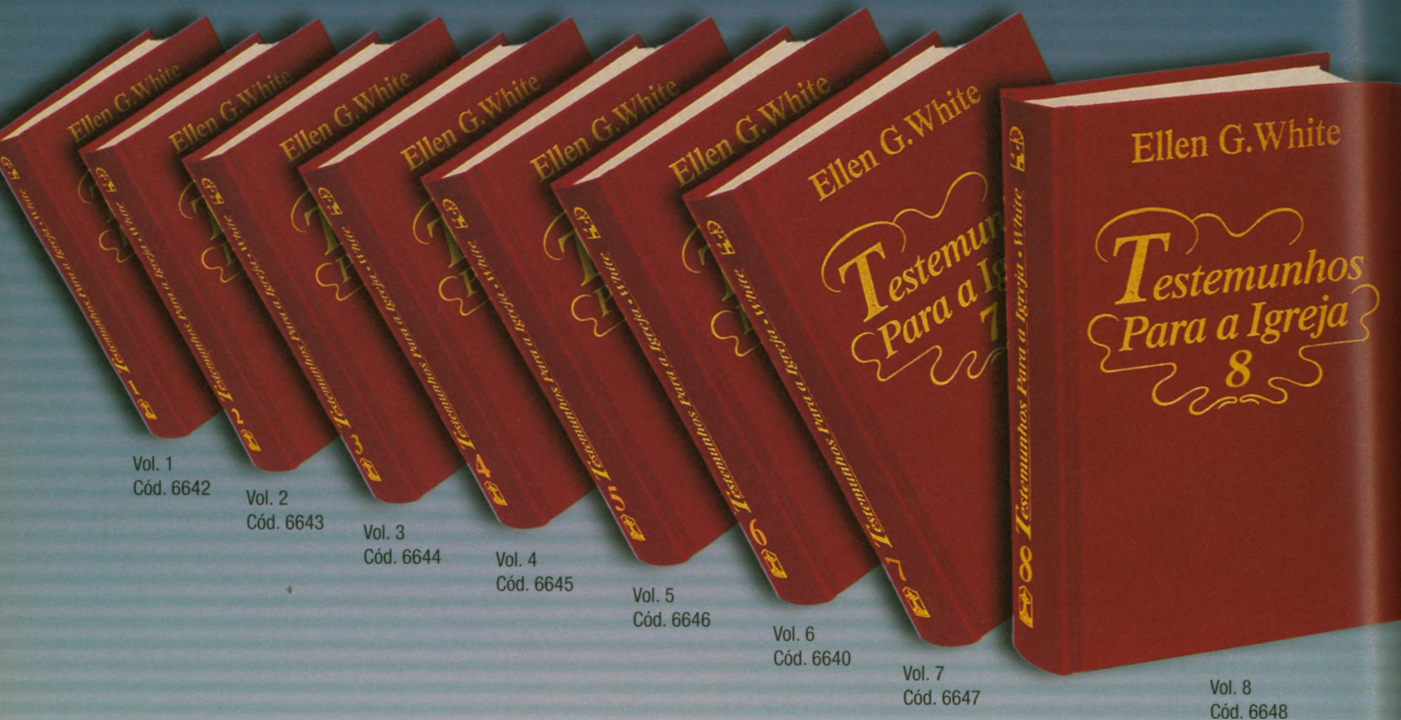
É possível que você esteja se perguntando agora: “Mas, que distrações poderão ser essas?” Minha resposta é: reflita sobre isso, a sós. Faça a si mesmo as seguintes perguntas: “O que está ocupando o tempo que deveria ser dedicado à oração? O que está contribuindo para que eu perca o prazer na leitura da Bíblia? O que está me envolvendo tanto no trabalho, a ponto de eu não ter mais interesse nem vibração com assuntos espirituais?”

As respostas a essas perguntas podem variar de indivíduo para indivíduo. Alguns poderão identificar que estão sendo distraídos por passatempos, jogos de computador, internet, leitura secular, televisão, música, amigos, passeios, etc. Outros poderão até perceber que estão sendo afastados de sua comunhão com Deus pelo próprio trabalho da igreja. Podem ser vítimas da tragédia de ter as mãos cheias e o coração vazio.

Pense nisso.

*Vigiai e orai,
para que não
entreis em tentação*

Chegou o volume 8 da coleção Testemunhos Para a Igreja



Indispensável para pastores, anciãos,
líderes e demais membros da igreja.

Neste volume, Ellen G. White fala da necessidade de espalhar a obra pelo mundo e traz, na primeira seção, mensagens espirituais que serão de grande importância no tempo do fim.

**Peça agora
mesmo!**

Para fazer seu pedido, ligue: 0800-990606*, acesse: www.cpb.com.br, entre em contato com o SELS de sua Associação ou dirija-se a uma das Lojas Casa Edições.

*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h30 / Sexta, das 8h às 16h / Domingo, das 8h às 14h.

Casa Publicadora Brasileira

